

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

GILMAR JOSÉ TAUFER

LEITURA LITERÁRIA EM GRUPO NA PANDEMIA DE COVID-19: Um relato de
experiência

PORTO ALEGRE

2021

GILMAR JOSÉ TAUFER

**LEITURA LITERÁRIA EM GRUPO NA PANDEMIA DE COVID-19: Um relato de
experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Letras
– Tradutor Português e Francês

Orientadora: Professora Doutora Magali
Endruweit

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Taufer, Gilmar José
Leitura literária em grupo na pandemia de Covid-19
- Um relato de experiência / Gilmar José Taufer. --
2021.
74 f.
Orientadora: Magali Lopes Endruweit.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Francês, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Leitura. 2. Leitura literária. 3. Leitura
literária em voz alta. 4. Grupos de leitura. 5.
Pandemia Covid-19. I. Endruweit, Magali Lopes, orient.
II. Título.

GILMAR JOSÉ TAUFER

LEITURA LITERÁRIA EM GRUPO NA PANDEMIA DE COVID-19: Um relato de
experiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Letras
– Tradutor Português e Francês

Aprovada em Porto Alegre, 14 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Daniela Favero Netto (UFRGS)

Professora Doutora Daniela Lindenmeyer Kunze (UFPE)

Professora Doutora Magali Endruweit – UFRGS (Orientadora)

Ao meu pai, meu contador de histórias preferido. Saudades.

AGRADECIMENTOS

Quando nasci quis a natureza que congenitamente meu olho direito jamais pudesse ser utilizado para o ato de ler. O *toxoplasma gondii* legou-me um olho que transforma qualquer página de texto num ilegível borrão. Restou a meu olho esquerdo a sorte, que se estende por mais de meio século, de tornar-me o que mais sou: um simples leitor. Agradeço à Vida pelo meu olho esquerdo: o bom.

Nascemos, eu e meus quatro irmãos, como a maioria da humanidade: na pobreza. Mesmo contra toda a falta de perspectiva imputada aos pobres neste país, consegui formar-me engenheiro químico na UFRGS. Agradeço à universidade pública e gratuita com sua moradia estudantil que viabilizou que me tornasse um leitor crítico.

A falta de perspectiva até para os engenheiros na década perdida dos anos 1980 obrigou-me a tornar-me funcionário do Banco do Brasil, onde ingressei através de concurso público nacional. O trabalho não só dignifica: tornou-me um simples leitor crítico com a possibilidade de adquirir seus livros e nunca mais deixar de navegar pelas águas da leitura literária. Agradeço à Vida por ter pertencido a um mundo onde podia-se permanecer num emprego digno por mais de três décadas.

Na universidade fiz amigos e conheci muitos. Na Engenharia aprendi o valor de ter uma cabeça que pensa como engenheiro. Na Física aprendi a gostar mais de matemática e a imaginar o universo. Na Administração pude me decepcionar bastante e aprender que modismos são apenas modismos. No Direito aprendi que precisamos de filosofia, que lutar pela justiça é o caminho e que a palavra tem força. Na Letras acho que encontrei o Gilmar que gostaria de ter sido sempre, mas que as circunstâncias e a necessidade de sobrevivência colocaram pedras no caminho. Agradeço à Vida pela longa vida de aluno por mais de 4 décadas. A Vida tem fim, tudo o resto nunca se completa.

Agradeço à minha orientadora, Professora Magali, que no seu exemplar empenho no mundo do texto e da leitura tem se dedicado para que uma miríade de leitores amplie sua paixão pelos livros e textos literários. Foi bom demais tua companhia e tua orientação. E muito obrigado por me auxiliar a, finalmente, concluir o bacharelado em Letras, e não também deixá-lo pelo caminho como ficaram a Física, a Administração e o Direito.

Agradeço às queridas Danielas, a Professora Daniela da UFRGS e a Professora Daniela da UFPE, por aceitarem e me honrarem em fazer parte da banca. Vocês também muito honram e dignificam a profissão mais importante que existe.

Agradeço de coração aos companheiros e companheiras do grupo de leitura LCVA - Lendo Clássicos em Voz Alta, que fazem da leitura literária dos clássicos os melhores momentos da nossa vida, principalmente durante a terrível pandemia que ainda ameaça a humanidade.

Agradeço aos meus irmãos Beto, Maria, Nei e Gildo. Vivo sempre na saudade de quando juntos vivíamos e descobríamos a Vida.

Agradeço a minha mãe Angelina pela Vida. Orgulho-me muito de ser teu filho.

Agradeço à Elisa, minha filha, minha melhor amiga, por ser minha maior razão de viver.

Agradeço à Clarinha, minha namorada e companheira pelo apoio e incentivo. Sem ti, provavelmente não teria concluído esse bacharelado.

Agradeço às queridas professoras Patrícia, Sandra e Rosa, do Departamento de Línguas Modernas – Francês, do Instituto de Letras da UFRGS, por suas lutas e exemplos. Me sinto muito honrado de ter sido aluno de pessoas tão exemplares para a minha Vida.

Agradeço ao Pedrinho e a Isabel por acreditaram em mim.

“Livro não é espelho. Livro é uma porta.”

(Fran Lebowitz)

RESUMO

O presente trabalho é o relato de uma experiência relativa a um grupo de leitura literária de textos classificados como clássicos, criado em 2017, vinculado a uma atividade de extensão universitária do Instituto de Letras da UFRGS. Concentro-me em descrever os protocolos de leitura adotados pelo grupo Lendo Clássicos em Voz Alta (LCVA), antes e durante a pandemia de COVID-19, com a finalidade de mostrar que os mesmos se revelaram suscetíveis de serem migrados de uma modalidade presencial para encontros virtuais e remotos, mediados pela Internet, como solução diante do isolamento social imposto. Relato que o processo culminou em incremento produtivo e substancial na apropriação de sentidos e na produção de significados na leitura literária. Tal fato ocorreu devido ao aumento de leitores que a migração propiciou e, principalmente, devido aos protocolos de leitura praticados e consolidados pela experiência continuada do grupo. Estruturei o presente relato, basicamente na exploração de quatro itens: o Ato de ler, o Ato de ler em voz alta, os grupos de leitura e, por fim, o grupo LCVA antes e durante a pandemia de COVID-19. Em cada item faço breves considerações históricas e referências teóricas, além de Considerações parciais, procurando estabelecer as conexões observadas com a dinâmica de funcionamento da leitura literária do grupo LCVA. Os esquemas de funcionamento dos encontros de leitura literária, tanto antes como durante a pandemia, e seus detalhamentos permitem que se discuta a prática do grupo sob o prisma da performance zumthorniana. Para dar a devida sustentação às conexões verificadas amparo-me em diversos autores, dentre eles, destaco o historiador Roger Chartier (1999, 2011, 2012), o linguista Tzvetan Todorov (2009) e o medievalista Paul Zumthor (2009, 2018). Termino o relato com o item Considerações finais, as quais juntamente com as Considerações parciais elaboradas ao longo do relato, possibilitam que se diga que o grupo LCVA realiza uma leitura literária produtiva por meio da execução de seu protocolo de leitura.

Palavras-chave: Leitura. Leitura literária. Leitura literária em voz alta. Grupos de leitura. Pandemia COVID-19.

RESUMÉ

Le présent travail est le rapport d'une expérience liée à un groupe de lecture littéraire de textes classifiés comme des classiques, créé en 2017, lié à une activité d'extension universitaire de l'Institut de Lettres de l'UFRGS. Je me concentre sur la description des protocoles de lecture adoptés par le groupe *LCVA – Lendo Clássicos em Voz Alta* (Lisant des Classiques à Voix Haute), avant et après la pandémie de COVID-19, dans le but de montrer que ceux-ci se sont avérés susceptibles de migrer d'une modalité en face à face vers des rencontres virtuels et à distance sur Internet comme une solution face à l'isolation sociale imposée. Je signale que le processus a abouti à une augmentation productive et substantielle de l'appropriation de sens et à la production de significations vers la lecture littéraire. Un tel fait s'est produit dû à l'augmentation du nombre de lecteurs que la migration a fourni et, principalement, dû aux protocoles de lecture pratiqués et consolidés par l'expérience continue du groupe. J'ai structuré ce rapport essentiellement sur l'exploration de quatre éléments : l'Acte de lire, l'Acte de lire à voix haute, les groupes de lecture et, finalement, le groupe LCVA avant et pendant la pandémie de COVID-19. Je fais de brèves considérations historiques et des références théoriques pour chaque élément, en plus de Considérations partielles, visant à établir les liens observés avec la dynamique de fonctionnement de la lecture littéraire du groupe LCVA. Les schémas de fonctionnement des rencontres de lecture littéraire, à la fois avant et pendant la pandémie et ses détails permettent qu'on discute de la pratique du groupe sous le prisme de la performance zumthorienne. Pour donner le bon support aux liens vérifiés, je me base sur divers auteurs, parmi lesquels je souligne l'historien Roger Chartier (1999, 2011, 2012), le linguiste Tzvetan Todorov (2009) et le médiéviste Paul Zumthor (2009, 2018). Je finis le rapport avec l'élément Considérations finales, qui, avec les Considérations partielles élaborées tout au long du rapport, rendent possible qu'on dise que le groupe LCVA réalise une lecture littéraire productive à travers l'exécution du protocole de lecture.

Mots-clés: Lecture. Lecture littéraire. Lecture littéraire à voix haute. Groupes de lecture. Pandémie COVID-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Anúncio da criação do grupo de leitura	48
Figura 2 — Anúncio da leitura Paraíso Perdido pelo grupo	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Esquema de funcionamento dos encontros de leitura literária do grupo LCVA – Antes da pandemia.....	52
Tabela 2 — Esquema de funcionamento dos encontros de leitura literária do grupo LCVA – Durante a pandemia.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS

OMS	Organização Mundial da Saúde
LCVA	Grupo de leitura Lendo os Clássicos em Voz Alta
GS:V	Romance Grande Sertão: Veredas
JGR	Escritor João Guimarães Rosa
COVID-19	Doença do coronavírus 2019 (<i>coronavirus disease 2019</i>)
SARS-CoV-2	Nome oficial dado ao novo coronavírus: que significa síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2 (<i>severe acute respiratory syndrome coronavirus 2</i>)
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O ATO DE LER	17
2.1	Breves considerações históricas	19
2.2	Referências teóricas	20
2.3	Considerações parciais	25
3	O ATO DE LER EM VOZ ALTA	27
3.1	Breves considerações históricas	28
3.2	Referências teóricas	30
3.3	Considerações parciais	34
4	GRUPOS DE LEITURA	36
4.1	Breves considerações históricas	38
4.2	Referências teóricas	40
4.3	Considerações parciais	43
5	O GRUPO LCVA ANTES DA PANDEMIA DE COVID-19	46
5.1	Breves considerações históricas	47
5.2	Referências teóricas	49
5.3	Considerações parciais	51
6	O GRUPO LCVA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	57
6.1	Breves considerações históricas	57
6.2	Referências teóricas	58
6.3	Considerações parciais	59
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	71

[Primeiro semestre de 2021.

A pandemia continua matando. E muito.

São 18 horas (de uma segunda-feira ou de uma sexta-feira) ...

A coordenadora do LCVA está em sua casa. Ela acessa pela internet mais uma reunião virtual/remota.

meet do Google. (Poderia ser outro).

Mais de 2 dezenas de integrantes do LCVA estão em suas casas localizadas em diversas cidades (até de outros estados).

Todos, aos poucos, acessam o mesmo encontro virtual, utilizando seus desktops, seus tablets ou seus smartphones.

Todos, mais uma vez, mergulharão no universo roseano de Grande Sertão: Veredas.

Até às 19 h 30 estarão envolvidos no “o livro faz o sentido, o sentido faz a vida”¹]

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi inteiramente marcado pela Pandemia de COVID-19, doença provocada pelo vírus SARS-CoV-2. A OMS, em 11/03/2020, alertou que o mundo estava sob mais uma pandemia. Em poucas semanas, a humanidade, em seus mais diferentes aspectos, foi fortemente impactada. As primeiras notificações da doença ocorreram no último dia do ano de 2019, em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China; e de lá, a pandemia expandiu-se, em poucos meses, para todos os países, praticamente em todas as vilas, cidades e ilhas existentes no planeta. Parafraseando Engels, um fantasma passou a rondar o gênero humano, ocasionando a primeira morte em 9 de janeiro de 2020. Estamos, atualmente, no

¹ BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 4.

primeiro semestre do ano de 2021 e o *Coronavirus Resource Center* da Universidade John Hopkins continua contabilizando números dantescos².

A pandemia de Covid-19, ainda em curso, abalou, de forma global, as economias do planeta, interferindo nos diferentes *modus vivendi* adotados pelo gênero humano, principalmente naqueles cujo funcionamento se dava com a presença física das pessoas. Dentre as normas sanitárias recomendadas, destaca-se o denominado isolamento social que, dentre inúmeros impactos, provocou cancelamentos (viagens de todo tipo, por exemplo), determinou o fechamento de estabelecimentos de comércio e levou à interrupção de atividades de ensino presenciais. Por ora, mesmo com a mobilização científica e o rápido desenvolvimento jamais antes visto de vacinas, não há nitidez quanto ao seu fim.

O vírus, melhor dizer, o medo do vírus alterou rotinas de bilhões de pessoas. Impactou, dessa forma, o funcionamento de inumeráveis atividades, implicando transformações mais ou menos radicais nas cidades, nas famílias e nos indivíduos; conseqüentemente afetou, também, as comunidades de leitores que se dedicavam à leitura literária presencial. A necessidade do isolamento social, desde março de 2020, ainda impede, em nosso meio, que os praticantes de leitura coletiva possam reunir-se num determinado local como faziam, de maneira trivial, antes do SARS-Cov-2.

Faço aqui, basicamente, o relato de uma experiência em um grupo de leitura em voz alta que desenvolve suas atividades, desde 2017, na cidade de Porto Alegre. Por meio de breves descrições relacionadas ao grupo levantarei conexões entre sua prática de leitura e aspectos que reportaremos como históricos e teóricos, recortados de diversas fontes. Pretendo, assim, no conjunto das descrições formar uma visão de alguns pontos específicos que sofreram transformação, principalmente os que dizem respeito à dinâmica de funcionamento no grupo, de antes da pandemia para durante a pandemia. Resumidamente, levanto tais pontos de conexão entre o grupo de leitura coletiva que integro e o ato de ler, o ato de ler em voz alta e outros tipos de grupos de leitura. Faço, também, ao longo do trabalho, considerações parciais nas quais registro diversas reflexões que fiz durante a realização do presente trabalho.

Passo, ao longo deste texto, a denominar o grupo de leitura que propiciou o presente relato de experiência pela sigla LCVA³ e também adoto o já consagrado GS:V quando se

² Consulta ao site *John Hopkins Coronavirus Resource Center* registrava 148.327.443 casos globais da Covid-19, com 3.131.250 óbitos, sendo 395.022 no Brasil. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 27 abr. 2021.

³ Adoto, assim, a mesma denominação estabelecida para o grupo de leitura no artigo de Netto & Endruweit (2021): grupo de leitura Lendo os Clássicos em Voz Alta.

menciona o romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa (1982), que na sua imensa fortuna crítica sói constar como JGR.

2 O ATO DE LER

O ato de ler, por ser ato, implica uma ação, um fazer que produz algo que denominamos leitura, a qual ocorre mobilizando instâncias: o leitor, o texto e o autor. Essa tríade básica foi crescentemente complexificada por diversas abordagens teóricas ao longo do tempo: formalistas russos, estruturalistas, pragmáticas, semióticas, teorias da recepção, etc.

O leitor, em manifesta vontade, aciona os sentidos do corpo: visão, audição, tato... para levar a cabo o ato de ler. O medievalista Zumthor (2018), em seus estudos da leitura, enfatiza sobremaneira que sempre se faz leitura com o corpo, “que se pensa sempre com o corpo” (p.71).

Todo texto implica suporte: o livro físico é (ainda) o mais emblemático, notadamente na leitura literária. O texto, por sua vez, primariamente implica sempre a instância do autor. E este atua na perspectiva da produção textual, mas age com intencionalidade na perspectiva da recepção. Além disso, na produção do texto literário emergem, sob um ponto de vista mais tradicional, enredo, personagem, narrador, narrativa, estilo, temas, espaço e tempo; e, com a sofisticação abstrata de algumas abordagens teóricas, notadamente a partir das décadas dos anos 1960/70, extraem-se do texto outros elementos: o narratário intradieético e o extradieético, o leitor abstrato, o leitor implícito, o leitor inscrito, o leitor modelo, o leitor incomum,⁴

As múltiplas abordagens que tentam compreender a literatura e aquelas que lutam para entender a linguagem extravasam-se na tentativa de auxiliar a compreensão teórica da leitura, do ato de ler, e, da mesma forma, dar conta do leitor e do autor, quando nos atemos ao ato de ler e à pluralidade de suas práticas. Podemos encontrar, nas abordagens teóricas, várias modalidades para realizar o ato de ler. Cito algumas, sem preocupação de rigor criterioso, com descrição suficiente para permitir uma ideia aproximada de que o ato de ler é realizável por meio de múltiplos percursos de leitura: silenciosa, em voz alta, textual, linear, crítica, inocente, releitura, solitária, coletiva, comunitária, correta, legítima, pública, privada, implícita, interdisciplinar, luterana, católica, de estudioso, de fruição, de salão, popular, urbana, feminina, reparadora, inscrita, centrípeta, centrífuga, hermenêutica, disseminadora, intensiva, extensiva...⁵. As modalidades variam com o tempo, com os contextos, com os teóricos, com os

⁴ O narratário intradieético e o extradieético são pressupostos teóricos de Gérard Genette; o leitor implícito é o da teoria da recepção de Wolfgang Iser (1985) ou o de Chartier (2011, p. 98); o leitor abstrato conforme J.H. Lintvelt (1981); o leitor inscrito é o evocado por Michel Picard (1986); o leitor modelo é o de Umberto Eco (1985); o leitor incomum é o do ensaio de George Steiner (2018), etc.

⁵ Essas expressões que listo as recolhi nos estudos e leituras que fiz cujas obras estão listadas nas referências (p. 59). Algumas são termos de estudiosos da linguística ou de historiadores do livro. Por exemplo: Jouve (2002, p. 93–106) discorre sobre as leitura centrípeta, centrífuga e hermenêutica; de fruição e legítima são tratadas por

críticos, com os leitores. Tantas visões possíveis para o ato de ler parece que conduzem a que muitos conformem a leitura a uma condição de arte, tanto que há vários livros com o título A arte de ler. Cito apenas dois: o importante de Michèle Petit (2010) e o curioso de Émile Faguet (2021). Steiner (2018, p. 35) também eleva a leitura à condição de arte ao alertar que “a arte da leitura precisa reencontrar seu caminho, ainda que a duras penas”.

A leitura, ou o ato de ler, é uma manifestação humana, feita por humanos e que age no humano. É fenômeno que se realiza como prática social e que sofre transformações no decorrer da História. O ato de ler tem relação direta com o consumo cultural e com a preservação da memória e com a transmissão do conhecimento. O ato de ler é um relevante produtor de sentidos e significados ao longo da trajetória humana desde a invenção da escrita. Ele é recepção, sem dúvida, uma vez que o leitor se apropria da produção do autor. Na sua pluralidade de modos de ser realizado, pode ser recreativo, educador, formador e prazeroso. O ato de ler pode, também, ser uma obsessão, uma paixão. Parece, e é assim que me posiciono, que o ato de ler se presta mais facilmente ao exame de abordagens descritivas do que teóricas. Se a vida é de difícil definição, como, de modo análogo, está aí a linguística a nos mostrar as agruras para definir a linguagem, entendo como lícito cogitar o mesmo em relação à leitura literária, visto ser produto da língua e entendida como instância para dar sentido à vida: há dificuldades para chegarmos a uma explicação definitiva e pacífica que dê conta do entendimento do ato de ler, do leitor, do autor e do texto.

Portanto, analogamente ao lugar comum que muitas vezes vem em socorro ante às dificuldades para se definir precisa e definitivamente algo, e visto que se afirma que “sei o que é mas não o sei dizer com palavras o que tal é”, partilho da noção de que somos capazes de praticar uma boa leitura literária - que é o que faz o LCVA - não sendo *conditio sine qua non* dominar todas as teorias que se dedicam ao tema. Além disso, são tantas as teorias que se digladiam, que me questiono, à maneira de Geertz (1997, p. 55), “o porquê de toda essa fermentação”. Também não me alinho aos que professam que as leituras literárias se condicionem apenas a uma determinada visão, como por exemplo, que o ato de ler caminhe por vias apenas de interpretações com viés psicanalítico, como o fazem, legitimamente, outros grupos de leitura. Aproveito para parafrasear Fran Lebowitz (2021): o ato de ler não é só espelho; é muito mais, é porta para infinitos mundos.

Roland Barthers; legítima é também comentada em Jouve (2002, p. 25); várias são encontradas nas obras de Roger Chartier (silenciosa, seletiva, comunitária, luterana, católica, privada, popular, urbana, etc.).

2.1 Breves considerações históricas

Existe extensa produção escrita que registra as histórias da escrita, do livro e da leitura. Não há como explorar tais histórias sem vinculá-las ao ato de ler. Vários autores se debruçaram no tema da leitura para nos mostrar como suas práticas foram diversas ao longo do tempo, e que elas sempre estiveram sujeitas aos condicionamentos culturais vigentes no contexto do leitor. Esses autores nos mostram, ademais, que tais práticas se moldam estreitamente às limitações ou características dos diversos suportes utilizados para o texto.

Pela leitura, por exemplo, da *História da Escrita*, de Fischer (2009), é possível imaginar como seriam os leitores das escritas pictóricas entalhadas na pré-história, ou o leitor de tabuletas na Suméria ou de hieróglifos no Egito, ou do rongorongo da Ilha de Páscoa. Criada qualquer escrita, criado estava, igualmente, o leitor dessa escrita. Faz-se igualmente necessário, portanto, o ato de leitura, que é praticado somente com a inseparabilidade da tríade [autor-texto-leitor]. Esse imbricamento [autor-texto(escrito)-leitor] é algo incontornável em *quase* todas as práticas da leitura (consideramos aqui, a ressalva de Michel Foucault, como citado em Chartier (2012), de que as antigas listas telefônicas, por exemplo, não tinham autor).

Se o contexto e a materialidade do suporte que acolhe o texto escrito sempre condicionam o ato de ler, lícito nos parece indagar como no contexto de uma pandemia que provoca o isolamento social é impactada a modalidade de leitura dos que leem em comunidade. Neste trabalho relato alguns desses impactos que pude observar como integrante de um grupo de leitura literária, o LCVA. Minha ação terá motivação análoga àquela que encontramos em Netto e Endruweit (2021), a qual procura entender o leitor em tempos de reclusão.

Um panorama resumido e ilustrado da história do livro é encontrado em Chartier (1999). Esse historiador do livro e da leitura na Europa explana que o livro impresso, aquele surgido da invenção da tipografia por Gutenberg, sucedeu os livros manuscritos (os códex, que, por sua vez, haviam sucedido os rolos de pergaminho da Antiguidade). Na obra citada de Roger Chartier, edição de antes da virada do atual milênio, lançam-se, frente à textualidade digital, algumas ideias sobre o futuro do livro, mas sem que se consiga vislumbrar algo como uma revolução, nem seus efeitos, a qual foi implantada em anos recentes pela expansão das tecnologias digitais, através da Internet e do comércio eletrônico, relativamente ao livro impresso. Em obras posteriores Roger Chartier vai tratar do que ele denomina “mutações das práticas de leitura, mutações das formas de inscrição do texto e mutações na técnica de

comunicação ou reprodução do escrito” (FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, 2007), causadas pela crescente utilização de novas tecnologias.

Nos tempos medievais, os códex ricamente ilustrados eram artesanalmente elaborados por escribas ou copistas, muitos deles iletrados ou semianalfabetos, conforme Carreto (2016), caracterizando para aqueles tempos sistemas de escrita e de leitura cujos funcionamentos não estavam forçosamente destinados a interagir um com o outro. A realização do ato da leitura tem como condição necessária um leitor que tenha desenvolvido competências para executá-la. O medievalista Carreto detalha, em seu artigo, que o ato de leitura de um códex medieval exigia uma performance bastante elaborada por parte do leitor, como o esforço adicional e prévio de “separar os segmentos morfológicos, lexicais e sintáticos uns dos outros, e interpretar o sentido, a entoação (afirmativa, exclamativa, interrogativa) e o ritmo dos enunciados gramaticais”, pois o texto a ser lido em voz alta era escrito de forma contínua, com as palavras ligadas, sem sinais de pontuação, nem maiúsculas. O autor citado também aponta que:

Ontem como hoje, é impensável existir leitura em voz alta sem esta etapa prévia. A leitura situa-se assim numa dimensão exterior ao texto enquanto que no livro atual, seja ele manuscrito, digital, datilografado ou impresso, já se encontra [...] de certo modo balizada e orientada por uma disposição específica da escrita no espaço da página e por uma multiplicidade de sinais gráficos que ritmam os enunciados e norteiam o sentido (CARRETO, 2016, P.2-3).

Com uma visão marcadamente antropológica e social, a leitura é trabalhada como uma experiência fundamental por Petit (2009, 2010, 2013, 2019), fundamentalmente na transmissão cultural, na formação de leitores e cidadãos, no enfrentamento dos processos de exclusão e segregação e em tornar a sociedade mais livre e democrática. Além disso, Michèle Petit nos revela que o ato de ler pode ser decisivo, em qualquer sociedade, na história em construção e na construção do futuro. A autora conecta o ato de ler com a condição humana de forma categórica. Encontramos a mesma condição na defesa da literatura, logo também da leitura, por parte de Tzvetan Todorov.

2.2 Referências teóricas

O ato de leitura, com frequência, é interpretado como uma forma de decifrar o mundo, de desvelar os sentidos da vida e de conhecer-se a si próprio.

É o que exatamente lemos em Todorov (2009, p. 33): quem lê obras literárias quer “encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas

descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele [o leitor] compreende melhor a si mesmo”.

Alinhada às mesmas ideias encontramos uma vasta bibliografia produzida por uma gama enorme de autores, estudiosos, críticos e leitores.

Continuo, ainda, com o mesmo linguista, que assim argumenta:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir... (TODOROV, 2009, p. 76).

Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 24).

É nas obras literárias que vamos encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo (TODOROV, 2009, p. 33).

Tzvetan Todorov afirma, de maneira vigorosa e intensa, que o ato de leitura literária conduz a que vivamos experiências singulares, as quais aspiram a compreensão da experiência e da condição humana, muito mais que meramente manejar conceitos. Conjecturo que essa linha de pensamento é análoga à que ampara, por exemplo, as abordagens de estudar a história do livro e da leitura produzidas por Roger Chartier (1999, 2011, 2012), e que é problematizada por Carreto (2016, p. 1), ao afirmar que o mais indicado é adotar-se, no estudo da leitura, uma perspectiva mais pragmática baseada nas funções inerentes a cada modo de leitura “ao invés de perspectivas - cognitivista e evolucionária - com pressupostos teóricos e metodológicos falaciosos”.

Manguel (1997), no capítulo *Metáforas da Leitura*, fala sobre a vida de Walt Whitman e diz que foi esse poeta quem apontou que nossa tarefa é ler o mundo e que, para tanto, “lemos intelectualmente num nível superficial, apreendendo certos significados e conscientes de certos fatos, mas, ao mesmo tempo, invisivelmente, inconscientemente, texto e leitor se entrelaçam, criando novos níveis de significado” (MANGUEL, 1997, p. 201). Assim, para ler o mundo, nada melhor do que realizar o ato de ler. Roger Chartier, em 2007, na cidade de Porto Alegre, em uma entrevista, sintetizou isso na seguinte formulação: no ato de ler “os leitores entram no texto e o texto entra no leitor” (FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, 2007).

Essa busca de significados, de ler o mundo e de enfrentar as realidades adversas pode ser apreendida nos muitos depoimentos, situações e experiências relatados por Petit (2019), nos quais a leitura exerce um papel decisivo e fundamental. Afirma a antropóloga que:

No mundo inteiro, muitas pessoas notaram que os textos literários constituíam desde cedo, e durante toda a vida, excelentes suportes para reativar um processo de simbolização, de pensamento, e para renovar as representações da história de uma pessoa; para sustentar e reavivar discursos, narrativas, discussões e conversas sobre a vida, sobre os temas mais delicados, mas sempre sob a proteção da mediação de um texto; para estimular as trocas, fazer circular muitas coisas em um grupo (PETIT, 2019, p. 63).

É, quase sempre, a leitura, em voz alta ou não, que participa do jogo da vida e da transmissão de conhecimentos, sendo instrumento para conhecer mais o outro e a si mesmo. Essa mesma autora, em outra obra, Petit (2010), relata mais casos, ocorridos em diversas partes do planeta, que demonstram a importância da literatura e da leitura. Temos nessa obra, certamente, uma firme resposta aos movimentos que questionam a utilidade das artes, da literatura e das humanidades. Classifico tais movimentos como tipicamente neoliberais, conforme os encontros descritos no manifesto de Ordine (2016). É no seu *A arte de ler – ou como resistir à adversidade*, que a antropóloga e escritora francesa defende o direito à literatura, porque “é muito difícil ter voz ativa no espaço público quando se é inábil no uso da cultura escrita” (PETIT, 2016, p. 287) e que “ter familiaridade com a leitura, assim como com a escrita, não é suficiente e não garante nada”, mas “quem está distante dela corre todos os riscos de ficar fora do jogo” (PETIT, 2016 p. 288).

Percebo que no pensamento de Michèle Petit existe uma forte preocupação social transformadora que instrumentaliza a literatura por meio do ato de ler, de forma a provocar mudanças na vida dos leitores (muitas vezes ouvintes de uma leitura executada por mediadores). Lê-se em Hébrard (2011) um posicionamento que reforça esse poder de ação da leitura: “a suposta neutralidade cultural do ato de ler, sua aparente instrumentalidade, são as garantias de sua eficácia social” pela razão de que o ato de ler “pode ser posto a serviço de todas as causas das sociedades alfabetizadas” (HÉBRARD, p. 35–36). O ato de leitura como processo de produção de sentidos, conforme esse autor, encontra apoio maior na “capitalização cultural específica” de cada leitor do que na aprendizagem escolar de uma técnica de interpretação. Posso conjecturar que tanto Michèle Petit como Jean Hébrard referem-se a um leitor real, de carne e osso, aquele que no ato de leitura não pode ser alguém simplesmente passivo, tanto em relação ao autor, como ao texto e ao seu próprio contexto de vida. Impõe-se um leitor ativo para

Hébrard (2011), pois a leitura constitui-se num trabalho, que é, em grande parte, um processo de produção de sentido. E para tal, o leitor, como nos lembra Chartier (1999), produz - logo age ativamente - uma apropriação inventiva do texto que recebe, sempre dentro de um conjunto de condicionamentos (tais como: particularidades do texto, competências, convenções, códigos próprios do contexto ao qual o leitor pertence). Diz, ainda, Chartier (1999, p. 152): “O texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada”. Penso que essas citações que ora faço, de Petit, de Hébrard e de Chartier, expressam um direcionamento pronunciado para que a busca do entendimento e importância do ato de ler sejam feitas no pragmatismo das modalidades de leitura. Mesma preferência interpreto nas afirmações de Todorov (2009) e Carreto (2016) acima citadas.

A maneira de teorizar que o livro é um mero objeto material, mas que o texto jamais prescinde do leitor para cancelar sua existência e que o ato de ler é ato ativo do leitor, pode ser bem depreendida tanto no crítico Terry Eagleton (2020) como no medievalista Paul Zumthor (2009). Escreve o crítico britânico:

[...] um texto é uma relação entre si mesmo e um leitor. Um livro é um objeto físico que existe mesmo que ninguém o pegue, mas isso não se aplica ao texto. O texto é uma configuração, um arranjo de significados, e arranjos de significados não têm existência própria [...] (EAGLETON, 2020, p. 54).

E o estudioso genebrino assim se manifesta:

O texto só existe enquanto é lido. Conhecê-lo é lê-lo; e a leitura é uma prática, concretizando a união de nosso pensamento com um pedaço daquilo que, provisoriamente talvez, ela aceite como real. Por aí, a leitura é diálogo, virtual, certamente; mas as duas instâncias são então confrontadas: sou, de alguma maneira, produto deste texto ao tempo em que “enquanto leitor” eu o construo. Relação de solidariedade ativa, mais do que efeito de espelho; todavia solidariedade mais prometida do que dada, saborosamente sentida ao termo de um longo trabalho de aproximação que exige atravessar duplamente a distância histórica, ida e volta (ZUMTHOR, 2009, p. 88–89).

Essa relação do texto com o leitor, na qual a existência do primeiro está condicionada ao ato de ler do segundo, tão sucinta e claramente descrita por Terry Eagleton (2020) é complexificada por Paul Zumthor (2009) ao nos lembrar que na leitura há um diálogo e uma solidariedade ativa. Penso que ambos remetem ao fato de que a leitura que dá existência ao texto necessita de um leitor, de alguém que vive. O texto para realizar-se precisa da ação de um

ser vivente, aquele que o lê. Há, dessa forma, uma conexão, em ambos os estudiosos, da leitura, da vida e do viver.

Manguel (1997, p. 13), ao abrir seu primeiro texto de *Uma história da leitura*, cita que Gustave Flaubert - em carta para *mademoiselle* de Chantepie, em junho de 1857 - define seu propósito de leitor da seguinte maneira: “*Ler para viver*”. Flaubert conecta, de forma sintética e magistral, o ato de ler e o ato de viver, transformando o ler numa necessidade para a vida; e acrescento, como uma forma de “direito à literatura”, ideia que encontramos na visão antropológica formulada por Petit (2010).

Julgo relevante, para fins de reflexão, lembrar mais uma posição de Chartier (2012, p.167), aquela em que ele assume que o leitor em sua prática de leitura sempre fica entre uma “limitação transgredida” e “uma liberdade cerceada”. Esta ocorre de fato, segundo o historiador francês, porque há limitações nos próprios textos, nos suportes que os veiculam e nas vozes que enunciam seu sentido. E como o leitor nunca está totalmente sujeito a tais limitações, pois ele as transgride com frequência, mas nunca consegue atingir o ponto em que se poderia denominar liberdade absoluta no ato de ler. Dito de outra forma, as limitações inerentes ao ato de ler não podem ser totalmente eliminadas, pois são até constituintes do contexto possível e necessário para a prática da leitura. Por exemplo, os textos que lemos em qualquer livro nos colocam diante de uma linearidade que impõe que para executar o ato de ler obrigo-me a adotar direções (em nosso contexto, leio a página da esquerda para a direita, de cima para baixo). Esse tópico – das limitações – coloca-me diante da seguinte questão: que limitações, ou liberdades cerceadas, se interpuseram na prática do LCVA sob as restrições impostas pela pandemia?

O interesse sempre explícito do LCVA, desde a sua criação, é a realização da denominada leitura literária em textos preferentemente cancelados como clássicos. E a leitura literária apresenta especificidades que a distinguem de outras modalidades. Jouve (2002, p. 137) discorre sobre três funções essenciais que foram estabelecidas pelo crítico literário e escritor Michel Picard (1987):

- a) “a subversão na conformidade” (o texto literário ao mesmo tempo contesta e supõe uma cultura);
- b) “a eleição do sentido na polissemia” (o texto literário remete sempre a uma pluralidade de significações); e
- c) “a modelização por uma experiência de realidade fictícia” (propor ao leitor experimentar no modo imaginário uma cena que ele poderia viver na realidade).

A execução do protocolo adotado pelo grupo LCVA, consolidado ao longo de diversas leituras de clássicos realizadas, coloca-me diante do seguinte questionamento: tal protocolo de leitura contribui para a construção de respostas para as funções determinadas por Michel Picard (1987)?

2.3 Considerações parciais

Os impactos da pandemia foram sintetizados por Netto e Endruweit (2021) da seguinte forma: “fechamos as portas de casa para a Covid-19, isolando-nos. Leitores habituais seguiram voltando-se aos seus livros (em tela ou impressos), mas foram privados do convívio social, seja para lazer, seja no trabalho, seja em instituições de ensino [...]” (NETTO; ENDRUWEIT, 2021)

Penso que para o leitor habitual o ato da leitura ganhou mais um sentido: enfrentar o isolamento social recomendado como medida sanitária, configurando, o que as autoras citadas denominaram, mais um tipo de leitor: aquele em tempos de reclusão. As chamadas redes sociais, os portais de notícias e os diversos sites e blogs divulgaram, principalmente nos primeiros meses da pandemia, estratégias que se as pessoas praticassem, melhor conduziriam suas vidas durante o isolamento social. Dentre tais dicas aconselhadas, a leitura frequentemente foi recomendada como item a ser incluído nas rotinas para enfrentar o cansaço, o tédio e as angústias geradas nas quarentenas.

A recomendação da leitura aos que não a tinham como hábito pode ser interpretada como uma sugestão de prática alinhada com a visão de Tzvetan Todorov que citamos anteriormente: a literatura como ajuda para viver. Da mesma forma, acredito que a sugestão se vincula à metáfora utilizada por Gallian (2017), que defende a “literatura como remédio” (GALLIAN, 2017, p. 85), como “um remédio possível ao apontar o caminho da saúde pela humanização; pela redescoberta e resgate do humano através da literatura” (GALLIAN, 2017, p. 57).

Assim, é possível pensar que a pandemia impactou de forma diferenciada o leitor habitual de leitura literária: por um lado, a quarentena, obrigando-o a permanecer mais em sua casa, até pode ter-lhe proporcionado mais tempo para a sua leitura solitária e silenciosa em sua privacidade; por outro lado, se tal leitor era praticante em algum grupo de leitura cuja modalidade era presencial, certamente, sua rotina de encontros sofreu abrupta interrupção em março de 2020. Esse impacto atingiu todos os integrantes do nosso grupo LCVA. Aqui se configurou o maior cerceamento de liberdade ou o aparecimento da maior limitação nas rotinas

dos grupos de leitura: a imperiosa limitação, por questões sanitárias, do convívio, da reunião presencial, do encontro para o compartilhamento, para o diálogo entre os integrantes da comunidade de leitores.

Num primeiro momento, eram perfeitamente plausíveis que se instalassem dúvidas acerca da continuidade do LCVA, grupo formado e vocacionado para a leitura literária coletiva que, entre seus protocolos de funcionamento, incluía a realização de encontros presenciais regulares. As limitações quanto à mobilidade e às reuniões estabelecidas pelas necessidades sanitárias de combate à Covid-19, simplesmente colocavam em xeque a continuação, parecendo aceitável que o retorno somente seria possível quando o cenário se alterasse para um pós-pandemia livre das ameaças do SARS-CoV-2 e suas variantes.

Há que se considerar que os impactos da pandemia no mundo do trabalho e no mundo do ensino pressionaram para que ações como as antes denominadas teletrabalho e ensino a distância passassem ao centro das preocupações de profissionais, empresas e governos. A pandemia impulsionou fortemente a adoção de soluções mediadas sempre pelo mundo digital, que se configuraram no chamado *home office* e no ensino remoto ou virtual. A Internet permitiu, assim, e de forma crescente, que as mais diversas atividades migrassem para a rede mundial visando à continuidade das operações empresariais, comerciais, culturais e de diversas atividades profissionais.

O restaurante e a livraria, por exemplo, obrigados a fechar suas portas em diversos momentos, conforme as denominadas ondas da pandemia, passaram a se utilizar do comércio eletrônico para vender seus produtos. Este foi fortemente impulsionado pelo advento de vários aplicativos de celulares que se especializaram na logística da tele-entrega de qualquer mercadoria. Cabe, aqui, então, formular a seguinte questão: essa rápida “digitalização” de inúmeras atividades, poderia encaminhar uma solução alternativa para o grupo LCVA retomar suas atividades durante a pandemia?

3 O ATO DE LER EM VOZ ALTA

O ato de ler para um leitor habitual de literatura pode ser descrito, no contexto atual, como um ato hegemonicamente solitário e silencioso. A interação do leitor com o autor e o texto aciona, de forma mais intensa, o sentido do tato, para o manuseio do suporte material do texto, seja ele um livro físico, um teclado de computador ou uma tela tátil de um *smartphone* ou de um *tablet*; e o sentido da visão, normalmente numa postura corporal quase sempre na posição sentada. É assim a cena de leitura mais comum em nossa atualidade. Historiadores nos ensinam que a prática de leitura, em outros séculos, sobretudo na Idade Média, era realizada quase exclusivamente com o emprego da voz baixa ou alta. Há, entretanto, estudos que questionam e problematizam pontos dessa narrativa.

A hegemonia do escrito, tanto o impresso como o hoje geometricamente crescente escrito eletrônico, não importando o gênero do texto, impõe-se como necessidade para a condução de nossas vidas. Essa situação, segundo alguns estudiosos, está posta em questão diante das possibilidades abertas pela informatização de grande parte das atividades da vida cotidiana dos tempos que vivemos. É crescente a automatização que se utiliza do recurso da voz, tanto humana como a sintetizada, no cotidiano de qualquer pessoa que utiliza um *smartphone*. Ilustro esse fenômeno através de alguns exemplos:

- a) os aplicativos das denominadas redes sociais permitem a troca de mensagens tanto escritas, como faladas ou com o uso de vídeo/áudio, colocando nas mãos de qualquer humano, em qualquer parte do planeta, aquilo que era mera ficção no mundo imaginado na série de desenhos animados *Os Jetsons* do início dos anos 1960;
- b) a oferta crescente de alternativas para se ouvirem os textos digitais disponibilizados nos sites na internet;
- c) a oferta de aplicativos que permitem às pessoas se conectarem facilmente através de videoconferências é ampla e crescente, podendo usar tais facilitadores a partir de seus celulares ou computadores não importando nem lugar, nem horários nem tempo de uso por parte do usuário;
- d) a expansão da oferta dos chamados *podcasts* e a ação crescente de chamados *influencers* (em um mundo em que o protagonismo até de ignorantes de qualquer

assunto, como vaticinou Umberto Eco (ANSA, 2015) pontificam, com frequência, para milhões de seguidores) e

e) a cada vez maior oferta de livros diversos e, também, de textos literários clássicos ou não, no formato de audiolivros.

Essa avalanche de possibilidades facilitadoras da conexão das pessoas entre si, não importando o tempo ou sua localização espacial, nos remete, novamente, a Fischer (2009) que ao escrever sobre o futuro da escrita, informa que algumas pessoas acreditam que não haverá lugar para ela no futuro, pois será desafiada pelo texto eletrônico e, analogamente, a leitura será desafiada pelos sistemas de resposta por voz. Parece, assim, que se realizam as ideias de Zumthor (2018), cujos estudos centrados na vocalidade aludiam “a uma espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade, energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita” (ZUMTHOR, 2018, p. 16.) Admitindo tal fenômeno, é evidente que o mesmo é intensamente acelerado pelas tecnologias digitais cada vez mais presentes em nosso modo de vida.

Esse protagonismo cada vez mais acentuado da vocalidade em nosso cotidiano, o qual se utiliza de soluções tecnológicas do mundo digital, guarda razoável similaridade com a prática do grupo LCVA, grupo de leitura coletiva que valoriza a vocalidade na leitura literária e buscou nos aplicativos disponibilizados pelo mundo digital, alternativas para suplantar as limitações ao seu funcionamento impostas pela pandemia. É o que relato a seguir.

3.1 Breves considerações históricas

O ensaísta e escritor Manguel (1997) declara que a leitura silenciosa se tornou usual no Ocidente apenas no século X. Além disso, ele faz uma descrição do episódio envolvendo Santo Agostinho e seu mentor Santo Ambrósio: o primeiro descreve em suas Confissões sua estranheza ao verificar que o segundo ao ler o fazia silenciosamente, e que sua língua permanecia quieta. Fischer (2009, p. 209) menciona o mesmo incidente e acrescenta que a literatura era um auxiliar da memória e que “os textos literários eram quase que exclusivamente entoados como um canto, ou pelo menos murmurados para meditação e melhor memorização”. Alusão esta ao *ruminatio*, como chamavam os latinos, esse rumor, essa murmuração que Chartier (1999) descreve como algo distinguível nos ambientes monásticos ou nas bibliotecas das primeiras universidades europeias.

O historiador Roger Chartier (1999) aponta, também, que:

Os primeiros textos que impunham silêncio nas bibliotecas não datam senão dos séculos XIII e XIV. É apenas nesse momento que, entre os leitores, começam a ser numerosos aqueles que podem ler sem murmurar, sem “ruminar”, sem ler em voz alta para eles mesmos a fim de compreender o texto (CHARTIER, 1999, p. 119).

Considerando, novamente, que as práticas de leitura se conformam aos condicionantes que reinam em seu contexto histórico, e que Roger Chartier (1999) nos traduz como as limitações, acho importante alinhar algumas delas presentes na Idade Média e que cerceavam ou impunham que na modalidade de leitura então praticada com o emprego da voz alta ganhasse a relevância que os historiadores e demais estudiosos lhe concedem. As competências para realizar a leitura eram de domínio de poucos. Também, a materialidade dos suportes aos textos exigia penoso manuseio devido ao seu tamanho e peso; a própria formatação em que os textos eram escritos, sem as diagramações que nos são comuns nos livros atuais, com letras desenhadas em um texto contínuo sem espaços, não contando com o aparato dos sinais de pontuação que imprimem todo um conjunto de indicações para a leitura constituíam-se em limitações. Tudo impunha que o texto somente poderia atingir os não-leitores se lido em voz alta. É preciso ressaltar que reinava então um forte domínio religioso, que tudo regravava, e impunha que apenas textos declarados sagrados fossem copiados, os quais eram importantes instrumentos nas atividades pastorais ou litúrgicas. A propósito, para um melhor entendimento, vale lembrar que “os homens da Idade Média, confrontados com um fenômeno, buscavam na Bíblia o modelo desse fenômeno. A autoridade bíblica era o espelho a um tempo da origem, explicação e modo de lidar com o caso em questão” (LE GOFF, 2007, p. 24). Por séculos, escreve Horellou-Lafarge e Seguré (2019, p. 26), “desde a queda do Império Romano até o século XII, [...] os mosteiros tiveram o monopólio da cultura livresca e da produção de livros religiosos”. E, acrescentam que “a leitura, feita em voz alta, se praticava somente nas igrejas, nos refeitórios e nos claustros e abrangia apenas os textos sagrados em latim” (HORELLOU-LAFARGE; SEGURÉ, 2019, p. 26), e que essa leitura era um exercício difícil e que, apenas com “a chegada da pontuação e das maiúsculas” (HORELLOU-LAFARGE; SEGURÉ, 2019, p. 27) e, a partir do século IX, com a separação das palavras uma das outras, o ato de ler se facilitou.

Vários são os fatores que, em termos não apenas históricos, foram abrindo espaço para que a hegemonia do ato de ler em voz alta, bastante presente nos ambientes medievos, onde ler era acima de tudo um ato de decifração, cedesse lugar ao predomínio da modalidade de leitura

silenciosa, visto mais como ato de interpretação ou de produção de sentidos. Listo alguns desses fatores recorrendo, mais uma vez, às sociólogas francesas Horellou-Lafarge e Seguré (2019): o aparecimento da paragrafação, o surgimento das universidades com suas bibliotecas, a emergência da classe burguesa e do individualismo; as oficinas e guildas leigas; o desenvolvimento do ensino; os livreiros e os impressores; a invenção da imprensa; a maior produção de livros com menor custo; novos e diversos formatos de livros e o livro transportável; a invenção de novas máquinas como o linotipo; os editores e os vendedores itinerantes; os autores e as livrarias; o livro eletrônico e, acrescento, a Internet. Esse conjunto de fatores me indica que o entendimento do ato de ler, na sua pluralidade de práticas somente pode (e deve) ser estudado através de múltiplas abordagens, não apenas pelos olhos da história ou da cultura, mas integrar as visões dadas pela sociologia, pela antropologia, pela história econômica e política, dentre outras.

3.2 Referências teóricas

O episódio um tanto emblemático do espanto de Santo Agostinho, anteriormente mencionado, parece que cria uma imagem de que antes de Santo Ambrósio toda e qualquer leitura se dava em voz alta. Analogamente, há descrições que afirmam que na Idade Média lia-se em voz alta e a leitura silenciosa se estabeleceu em dado momento, de forma que se abandonou a prática anterior. Uma interpretação tão reducionista não encontra mais respaldo nos estudos da leitura e na produção dos medievalistas. Carreto (2016) coloca o tema em questão, na seguinte forma, em seu artigo:

Por que este espanto que a crítica se apressou a interpretar como uma inequívoca prova de que a Alta Idade Média, herdeira dos modelos da Antiguidade Clássica, cultivou essencialmente a leitura em voz alta, ao invés da Baixa Idade Média (essencialmente a partir dos séculos XI–XIII) que teria inventado a leitura silenciosa, prática que o progressivo alargamento das “comunidades de leitores”, cada vez mais heterogêneas com o crescimento das cidades, o desenvolvimento da cultura mercantil, a expansão das escolas urbanas e a consecutiva multiplicação dos letrados e, mais tarde, o advento da imprensa e de uma cultura marcadamente visual, viria acentuar de forma irreversível? (CARRETO, 2016, p. 1).

O medievalista Carlos Carreto faz uma descrição mostrando que a simples oposição de leitura em voz alta *versus* leitura silenciosa, para os tempos medievais, não é sustentável. Há que se considerar que o já referido *ruminatio*, como técnica de leitura, respondia, também, a limitações vigentes para os ambientes monásticos estabelecidas no regramento religioso

adotado para a vida nos mosteiros: era entendida tal técnica como “suporte à meditação, interiorização e memorização da palavra divina ou consagrada” (CARRETO, 2016, p. 5). Era, no mais das vezes, uma leitura que, prossegue Carreto, “privilegiava a celebração coletiva e a apropriação/consumo do texto como ato eminentemente comunicativo, seja em contexto litúrgico, pastoral ou pedagógico” (CARRETO, 2016, p. 6). O ato de ler um texto sagrado não era um ato de leitura literária como o concebemos hoje.

É preciso considerar, igualmente, como antes mencionei, além do fato de que os capacitados para realizar o ato de ler eram poucos naqueles séculos, e de que a quantidade de exemplares era escassa, até as condições de iluminação e de armazenamento dos códices nos ambientes monásticos ou das bibliotecas das primeiras universidades europeias constituíam, também, limitações ao ato de ler.

É interessante considerar que, mesmo que a prática da leitura em voz alta fosse a mais utilizada no medievo, não há como não admitir a obviedade de que aqueles que detinham a competência para ler em voz alta estavam plenamente capacitados para também fazê-lo de maneira sussurrada e até silenciosa. Além disso, mais uma vez citando Carlos Carreto (2016), se na Idade Média havia uma hegemonia da leitura em voz alta, havia também a leitura em voz baixa, a ruminação como cita Roger Chartier (1999, p.119), mais próxima do ato de ler silencioso do que em voz alta. Conforme o autor, “*A Regra*⁶ autoriza os monges a prolongarem a leitura comunitária na solidão das suas celas durante a noite, desde que essa prática, presumivelmente vocalizada, murmurante, não incomode os outros” (CARRETO, 2016, p. 3).

Vejo, ao refletir sobre essas poucas referências que aqui coletei, que, segundo nos ensina o historiador Roger Chartier, as práticas do ato de ler são essencialmente determinadas pelo contexto, tanto de ordem cultural como material. De forma semelhante, o medievalista Paul Zumthor (2009) lista vários fatores que concorrem para que a noção atual que temos de texto não se encaixe no que denominamos texto medieval. Assim elenca tais fatores este estudioso da Idade Média:

- Complicação do próprio ato de escritura (fraco manuseio de utensílios, carestia);
- Especificidade das motivações possíveis deste ato (mecenato, comemoração, propaganda) e censuras que a ele se opõem;
- Pouca frequência deste ato; raridade relativa do livro, objeto de fabricação artesanal, sem dúvida, privado de rentabilidade econômica;
- Fraca difusão (a imprensa só modificará sensivelmente este estado de coisas a partir do século XVI);

⁶ Trata-se da obra *A Regra de São Bento*, escrita no século VI, que organizava as atividades da vida monástica de mosteiros e abadias, bem como estabelecia como deveriam ser observados os tempos e os lugares adequados a cada modalidade de leitura.

- Incapacidade de ler, para a maior parte do público: seja por falta de livros, seja por analfabetismo;
- Consumo auditivo da maioria dos textos; por leitor público interposto, pela recitação ou por improvisação oral... (ZUMTHOR, 2009, p. 100).

Esses fatores condicionavam que a instância texto para o medieval fosse uma noção diferenciada daquelas que temos para o texto moderno. Igualmente, o ato de leitura do texto medieval se conforma frente a tais fatores que, na verdade, não deixam de ser as limitações teorizadas por Roger Chartier (2012, p.167), tanto que Paul Zumthor (2009, p. 100) teoriza que “o texto medieval está muito mais próximo do corpo daquele que o performa (autor, recitante, cantor) e daquele que o consome (ouvinte e leitor) do que o texto moderno”. Os estudos focados na Idade Média que interpretam a leitura então realizada, de inegável teatralidade, como uma performance, ganham um arcabouço teórico bem amplo no livro *Performance, recepção, leitura*, de Paul Zumthor (2018).

Se o ato de ler é performático, pois nele ocorre um engajamento do corpo, me parece evidente que o ato de ler em voz alta sempre será da ordem da performance, porque ele sempre será realizado como um acontecimento inseparável da oralidade e do gestual, que amiúde apresentam uma teatralidade. Esse acontecimento, essa performance tem a marca, muito mais perceptível, de transcorrer no tempo. Vandendorpe (1999) assim escreve sobre as principais diferenças entre o código oral e o código escrito:

Le discours oral se déroule dans un flux temporel irrémédiablement linéaire. [...] l'oral reste essentiellement prisonnier du fil temporel et installe son auditeur sous la dépendance de celui-ci. Cette situation entraîne des conséquences multiples [A fala acontece irremediavelmente em um fluxo de tempo linear. [...] a fala permanece essencialmente prisioneira da linha do tempo e coloca seu ouvinte sob a dependência dela. Tal situação provoca múltiplas consequências] (VANDENDORPE, 1999, p. 25, tradução nossa).

Penso que, para melhor relatar a experiência, devo, além de observar e relatar as limitações, sob a ótica de Chartier (2012), a que a pandemia submeteu o LCVA, também observar e relatar, aos olhos de Zumthor (2012), quanto à performance, quais mudanças ocorreram ou tiveram que ser implementadas. E, igualmente, segundo o olhar de Vandendorpe (1999), observar no grupo, relativamente a leitura em voz alta, se realmente temos além da irremediável linearidade temporal, alguma submissão dos ouvintes à palavra falada, ao fio temporal da leitura em voz alta.

Ao vocalizar o que é lido, temos o discurso que se realiza de forma linear. Em qualquer encontro de um grupo de leitores de textos literários, em que são mobilizadas as instâncias, que chamei de incontornáveis, do autor, do texto e do leitor, junto ao contexto (com suas limitações do texto, limitações de natureza cultural, limitações de ordem material, limitações pessoais) temos a realização de uma performance. É assim que observo (e vivencio) quando participo dos encontros de leitura do LCVA.

Ao me lembrar da frase magistral e instigante da escritora e humorista americana Fran Lebowitz (“*Livro não é espelho. Livro é uma porta*”⁷) digo que uma leitura em voz alta não é apenas uma leitura, é sempre uma performance realizada em um ambiente de convívio e sociabilidade. A leitura em voz alta abre a porta para o encontro e para o compartilhamento; ela induz e incentiva outras interpretações.

Ao falar sobre o ato de ler em voz alta Roger Chartier (1999) diz:

Na época [do Antigo Regime, do século XV até a Revolução Francesa], ler em voz alta era uma forma de sociabilidade compartilhada e muito comum. Lia-se em voz alta nos salões, nas sociedades literárias, nas carruagens ou nos cafés. A leitura em voz alta alimentava o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, ou do encontro casual, para passar o tempo. No século XIX, a leitura em voz alta voltou-se para certos espaços. [...] Lia-se ainda em voz alta nos lugares institucionais como a igreja, a universidade, o tribunal. Durante todo um período do século XIX (ao menos na primeira metade), a leitura em voz alta foi também vivida como uma forma de mobilização cultural e política dos novos meios citadinos e do mundo artesanal e operário (CHARTIER, 1999, p. 142–3).

Vê-se, assim, que a leitura em voz alta persistiu, em ambientes públicos, mesmo após o crescente domínio da modalidade de leitura silenciosa que se foi instaurando, como anteriormente citei, a partir do século X. As modalidades de leitura pública em voz alta, descritas nessa última citação de Roger Chartier (1999), praticamente desapareceram na contemporaneidade, permanecendo apenas as de caráter institucional (tribunais, escolas, casas legislativas e meios de comunicação falada). Nesse sentido, os grupos de leitura comunitária, como é o LCVA, que efetivamente realizam leitura em voz alta (há muitos grupos de leitura que abdicam disso e suas reuniões se estruturam na discussão de leituras prévias) me leva a afirmar que estamos, de alguma forma, retomando práticas semelhantes às do passado, em que se abre um espaço para a vocalização como elemento ativo na produção de sentidos na leitura de um texto literário. O LCVA, ao optar por inserir em seus protocolos de leitura a modalidade

⁷ Esta frase consta num dos episódios da série de documentários *Faz de conta que NY é uma cidade*, de 2021, da Netflix, dirigida pelo cineasta Martin Scorsese.

em voz alta, se insere na ressurgência da oralidade/vocalidade preconizada por Paul Zumthor (2018, p. 16), que já mencionei.

Uma última referência que registro no presente item é aludir à bibliografia ligada ao entendimento do processo de leitura sob o ponto de vista fisiológico. Encontramos, em tal bibliografia, artigos que descrevem a comprovação experimental de que os tempos de leitura silenciosa e os tempos de leitura em voz alta, como nosso bom senso pode nos indicar, são diferentes, e variam com o envelhecimento e com o fato de se tratar de leituras em outra língua que não a materna. Basicamente, os tempos de leitura, determinados pelos movimentos fisiológicos ligados ao ato de ler (denominados de sacádicos, de fixações e de retornos de leitura) são maiores na leitura em voz alta em relação à leitura silenciosa, conforme Porto, Freitag e Tejada (2018). Retomo esse tema em comentário no item 6.3, para realizar uma consideração.

3.3 Considerações parciais

Frente às esparsas referências que anteriormente registrei acerca do ato de ler e desse ato na modalidade em voz alta consigo encaminhar um entendimento de que são múltiplas as visadas teóricas que podem ser utilizadas para focalizar o fenômeno da leitura. Todavia, me inclino a apreciar sobremaneira o viés que privilegia a ideia de que sempre teremos uma feição mais acabada sobre a leitura se nos dedicarmos a observar as suas modalidades, na forma mais pragmática possível, atentando sempre para o entorno, para o contexto em que o ato de ler ocorre. Alinho-me à ideia de que qualquer modalidade de leitura é, em grande parte, o resultado das limitações ou liberdades em que o contexto – material, cultural, tecnológico – está configurado no tempo do ato de leitura.

Será no contexto de restrições que foram configuradas para o enfrentamento do vírus que, no caso específico do LCVA, serão reafirmados ou alterados os seus protocolos de leitura, recorrendo, por exemplo, ao aparato vigente em termos de facilitadores tecnológicos. Suponho, também, que possa contribuir, para o entendimento do processo de leitura do grupo, a observação e o levantamento dos novos requisitos, tanto materiais ou mesmo de aprendizagem, que se impuseram devido às alterações adotadas nos protocolos de leitura. Algo na feição do que nos mostram, através de sua sociologia da leitura, as autoras francesas Horellou-Lafarge e Seguré (2019) ao descreverem diversos fatores, de variadas origens, que contribuíram para que a leitura silenciosa e solitária sobrepujasse, ao longo de alguns séculos, a anterior alegada hegemonia da prática da leitura em voz alta.

Desde a sua criação, em um contexto de encontros presenciais, o grupo incorporou em seu protocolo para a prática da leitura literária o uso da voz alta. Cabe, então, questionar se em um contexto de pandemia, sob medidas restritivas quanto à formação de aglomerações, tal protocolo ainda poderia ser mantido? Essa é uma questão que o LCVA enfrentou com a eclosão da pandemia.

4 GRUPOS DE LEITURA

A leitura coletiva é uma prática realizada sob uma pluralidade de formas que podem ser encontradas na história da escrita, do livro ou da leitura. O entendimento que se tem, contemporaneamente, para a expressão grupos de leitura, difere de outras épocas. Hoje, de uma forma geral, um grupo de leitura é visto como uma combinação, um acordo, por meio do qual uma comunidade de leitores se propõe a ler um determinado texto num dado tempo, em um dado lugar. Temos grupos de leitura cujas sessões ocorrem de forma domiciliar, na residência de um dos integrantes, ou em locais ligados a instituições diversas (escolas, universidades, igrejas, editoras, livrarias, bibliotecas, clubes, bares, presídios, etc.) ou por grupos de pessoas (de idosos, de amigos, de uma profissão, de aficionados a determinado tema ou determinado autor, etc.). Podem assumir outras denominações como, por exemplo, clubes de leitura ou clubes do livro. O objetivo principal, além do convívio e de outros interesses que podem ser bem particulares, é o compartilhamento de experiências, notadamente quando se trata de grupos que selecionam para sua prática de leitura apenas obras literárias.

Essa ideia de grupos de leitura com um número pequeno de participantes foi transportada para o mundo da televisão e da internet, permitindo o surgimento de “clubes de leitura” nos EUA que, com a atuação de celebridades televisivas, influenciavam a tiragem das obras indicadas para leitura, tendo-se registrado até situações em que as vendas, devido a tais indicações, superaram os três de milhões de exemplares, caso do Clube do Livro de Oprah Winfrey, atualmente uma parceria com a gigante da informática *Apple*. Na França e na Itália, para citar apenas mais dois países, também temos programas televisivos estruturados na leitura de livros e incentivadores de modalidades de clubes de leitura. Quanto à Internet, existem sites que se apresentam como clubes de leitura, também com propósitos definidos de influenciar na comercialização de livros, reunindo milhões de inscritos, caso do *site* francês *Babelio*⁸, com seu *Club de lecture Babelio*, patrocinado por três grandes editoras francesas.

Menciono as situações acima para afirmar que no presente relato de experiência trato de um grupo de leitura, como vários outros que existem, que tem, em realidade, um envolvimento muitas vezes até apaixonado com a leitura literária, com a fruição do texto, com o prazer de enfrentar espantos diante de um texto literário, o qual deve ser lido literariamente, mas que passa ao largo de qualquer injunção de ordem comercial. Vislumbro na ideia de prosaicos grupos de pessoas que apreciam compartilhar suas experiências de leitura, buscar um

⁸ Disponível em: www.babelio.com. Acesso em: 10 abr. 2021.

entendimento do mundo através de sentidos que um texto literário pode suscitar, algo completamente diferente desses “mega clubes” de leitura que atualmente tanto encontramos na Internet. Não nego a estes o fato de que realmente estimulem o hábito da leitura ou incentivem a formação de novos leitores; no entanto, em minha visão, seu principal motivo não é da ordem da literatura. Vejo-os como um sinal de uma espécie de *uberização*⁹ da leitura. São temas que precisam ser bastante mais estudados e pesquisados.

É crescente o aparecimento de clubes de leitura desenhados para funcionarem fazendo uso da estrutura da Internet, sem encontros presenciais, apenas virtualmente, com a utilização de aplicativos que facilitam a conversação instantânea. Com a eclosão da pandemia e a necessidade de adoção do distanciamento social, multiplicaram-se as ofertas e a comercialização de diversos “produtos” ligados ao mundo das letras, notadamente nas chamadas redes sociais. A maioria de tais produtos está vinculada à perspectiva da produção textual (oficinas de escrita criativa, literária, de roteiros, de contos, de romances, de microtextos, de poesia, ...), ofertados por escritores, poetas, tradutores, músicos, professores, revisores, etc. Contudo, na perspectiva da leitura, também há ofertas de variados clubes de leitura, a maior parte deles parece (temos aqui um tema que merece ser pesquisado) surgida de um certo voluntarismo e que não conseguem grandes adesões. Entretanto, há outros, mais bem estruturados, geralmente ofertados por profissionais conceituados – professores e estudiosos universitários, escritores de renome, tradutores bem conhecidos, filósofos, músicos, etc. – que oferecem “produtos mais duráveis” nas redes sociais que são produzidos até em vários “capítulos”, em geral não gratuitos, comercializados alguns por preço fixo e outros pela modalidade de assinatura mensal.

Não apenas iniciativas individuais passaram a povoar as redes sociais com diversas modalidades de produtos comercializáveis (cursos, minicursos, blogues, podcasts, workshops, oficinas...) vinculados aos livros e à leitura. Percebo que, da mesma forma, no mundo da leitura

⁹ Penso aqui em algo análogo ao que ocorre no mundo do trabalho, onde junto com uma modernização tem-se uma forte precarização, uma “precarização subjetiva”, conforme Danièle Linhart (2009). Se tal processo denominado de *uberização*, que pode ser entendido como “um gerenciamento de si que, entretanto, é subordinado e controlado por novos meios, que hoje operam pela automatização em dimensões gigantescas de extração e processamento de dados; [em que] estão em jogo novas formas de gerenciamento, controle e vigilância do trabalho, por meio das “programações algorítmicas” (ABILIO, 2019), desembocado num “gerenciamento algorítmico” do trabalho; por analogia, presumo que, no mundo da leitura, há um processo em curso que instaura um “gerenciamento algorítmico da leitura”, onde se extraem dados comportamentais de leitores e de leituras, não interessados nos valores da literatura, como defendidos por Tzvetan Todorov (2009), mas simplesmente para a geração de novas vendas. É exemplar nesse sentido uma oferta que transita pelas redes sociais, na qual livros passam por uma “curadoria” e são ofertados (comercializados) para serem lidos (ou ouvidos) em 12 minutos! Algo que julgo um disparate e uma proposta moral e intelectualmente indecente: vender um *Guerra e Paz* de 12 minutos! É simplesmente uma proposta de *uberização* da leitura.

foram ensejadas várias iniciativas corporativas, visando, em minha visão, não apenas à disseminação de conhecimento, mas a geração de renda, de monetização. É assim que, no mercado editorial, notadamente nas editoras que publicam textos literários, foram criados os clubes de leitura das editoras. Há editoras que criam espaços nas redes sociais onde disponibilizam informações sobre lançamentos de livros, resenhas e entrevistas com autores e tradutores, além de incentivar a formação de clubes de leitura pelo país. Outras editoras idealizaram seus clubes do livro com o intuito de, sob a forma de assinatura mensal, os leitores receberem descontos e/ou seus livros editados. Meu ponto de vista é que tais clubes de leitura ou do livro, principalmente os vinculados a empresas, desejam muito mais a fidelização e a comercialização do que a produção de significados, que deve ser o objetivo de um grupo ou clube de leitores mantido por apreciadores de textos literários.

Nesses grupos, como é o caso do LCVA, tem-se bem definido o propósito direcionado ao compartilhamento de significados e de visões de mundo, de fruição e de análise, em um contexto em que as manifestações de sociabilidade são estabelecidas através de diálogos e discussões entre os leitores, tendo como motor principal de motivação a leitura literária de um texto literário clássico.

4.1 Breves considerações históricas

A história da leitura traz muitos exemplos da modalidade de leituras coletivas em todas as épocas, inclusive desde antes da criação do livro como hoje o conhecemos. Foram invenções técnicas e mudanças políticas, sociais e culturais que propiciaram o surgimento de comunidades de leitores que antecederam aqueles que ora existem na forma de grupos de leitura, como o grupo LCVA.

De uma maneira geral, podemos dizer que os grupos ou clubes de leitura remetem a formas anteriores que integram qualquer história da leitura: falo dos salões franceses, dos grupos de estudos femininos nos EUA, das sociedades de leitura alemãs no século XVIII ou dos *Book Clubs* ingleses ou, mais remotamente, os salões de leitura do Iluminismo que tanto influenciaram a Revolução Francesa.

O historiador Roger Chartier (2011) fala, num debate mantido com o sociólogo Pierre Bourdieu, que a leitura como prática cultural, nem historicamente foi um ato de foro privado íntimo que remeta à individualidade. E continua:

Creio, por exemplo, que nos meios urbanos, entre os séculos XVII e XVIII, existe todo um outro conjunto de relações com os textos que passa pelas leituras coletivas, leituras que manipulam o texto, decifrado por uns para outros, por vezes elaborado em comum, o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura (CHARTIER, 2011, p. 233).

Vejo que neste pequeno excerto o historiador francês sintetiza afirmações que permitem um exercício de reflexão proveitosa sobre a leitura literária atual, como a executada no grupo LCVA. Se me fixo no ponto de que naquela época as leituras coletivas manipulavam o texto por razões as mais diversas (podemos imaginar ideológicas, religiosas, etc.), me parece que o texto literário continua sendo manipulado pelos leitores de leitura literária, dado que no texto literário “existem sempre [...] duas dimensões na leitura: uma, comum a todo leitor porque determinada pelo texto; a outra, infinitamente variável porque dependente daquilo que cada um projeta de si próprio.” (JOUVE, 2002, p. 127).

Assim, se todo leitor, com todas suas características individuais e distintivas, ao executar o ato de leitura de um texto literário gera sentidos que se concretizam num conjunto de significações fortemente marcados ou nuançados pelas suas competências e características pessoais, da sua subjetividade, posso, conseqüentemente, afirmar que, numa leitura coletiva onde temos um efetivo compartilhamento entre os integrantes, teremos um inevitável enriquecimento interpretativo. Não há apenas um leitor silencioso projetando-se no texto, e sim, um conjunto de projeções, não necessariamente semelhantes, substanciando-se no mesmo texto literário. O compartilhamento, desse modo, sempre tem o potencial de, pela leitura coletiva, implicar uma experiência mais enriquecedora que a experiência individual. É o que constato nos encontros do LCVA.

Anteriormente citei que a leitura em voz alta na Idade Média exigia que o leitor superasse, com muito esforço, as dificuldades materiais do próprio texto. O leitor decifrava o escrito para depois vocalizá-lo para os ouvintes. Era um decifrar fora do texto, mais da forma que do conteúdo, mas, também, por imposições decorrentes de tratar-se quase sempre de textos sagrados, cabia ao leitor decifrar o texto como palavra divina. Já nos séculos XVII e XVIII citados por Roger Chartier (2011, p. 233), parece que o decifrar se circunscreve ao que deveria ser entendido pelos demais ouvintes ou leitores, sem as limitações impostas como no texto sagrado nos mosteiros. Registro que na leitura literária executada pelo grupo LCVA, de forma constante, os textos clássicos lidos são objeto de intenso processo de deciframento e construção de sentidos. A leitura compartilhada, coletiva, com o uso da voz alta, notadamente do romance GS:V, tem sido um exercício instigante de decifrar o que autor JGR e o texto querem dizer ou propor ao leitor como experiência. As características tão próprias do escritor JGR no manejo

da língua, que surpreendem qualquer leitor ou qualquer seu tradutor, implicam que nas leituras desse clássico realizada pelo LCVA tenhamos que, muitas vezes, agir de forma semelhante ao monge que lia um códex em sua cela parcamente iluminada num mosteiro do medievo. Essa leitura literária coletiva, em muitas ocasiões, resulta, inevitavelmente e inusitadamente, numa pluralidade de significações, em consonância com a função do sentido na polissemia de Michel Picard(1987 apud Jouve,2002, p. 137), e isso ocorre, em minha forma de ver, de uma maneira multiplicada por tratar-se de uma leitura coletiva compartilhada.

4.2 Referências teóricas

O linguista Tzvetan Todorov (2009) ao comentar como as obras literárias eram analisadas pelo ensino escolar francês argumenta que “os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso” (TODOROV, 2009, p. 89). Quando, na sua visão, a análise “deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido das obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos” (TODOROV, 2009, p. 89). Continua o linguista ao referir-se à leitura literária: “todos os “métodos” são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos (TODOROV, 2009, p. 90), pois, “sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano (TODOROV, 2009, p. 92).

Essas afirmativas são suficientes para que eu possa entender que uma leitura literária praticada mirando o(s) sentido(s) do texto para melhor conhecer a condição humana, se realizada por um grupo de leitores imbuídos todos desse postulado, produzirá, através do compartilhamento, uma análise cujo conteúdo de significados superará aquelas construídas individualmente. Admitindo que “à medida que lemos, vamos construindo esses quadros interpretativos continuamente, muitas vezes de maneira inconsciente” (EAGLETON, 2020, p. 125).

Concluo que o compartilhamento presente na modalidade de leitura literária coletiva leva a um enriquecimento da análise interpretativa. Não pretendo afirmar que o aspecto quantitativo – mais leitores – signifique que a determinação do(s) sentido(s) de uma obra literária será alcançada. Todavia, vejo claramente, como participante do grupo LCVA, que nos seus encontros, são frequentes os pontos em que o texto literário propicia que diferentes sentidos sejam construídos por diferentes leitores e que o protocolo de leitura adotado (como

veremos nos próximos itens) abre a contínua oportunidade de desenvolver, aprofundar e criar outros sentidos a partir daqueles vindos das interpretações individuais, sejam elas originadas de pensamentos realizados acerca do autor, do texto ou decorrentes da condição contextual ou das competências pessoais de cada leitor. Dito sob outra ótica, a experiência da leitura, que se constitui numa experiência estética do leitor ou do grupo de leitura, vai concretizar os sentidos a partir, conforme o linguista alemão Hans Robert Jauss (1978), citado em Jouve (2002, p.138-139), do efeito produzido pela obra, que é função da própria obra, e da recepção, que é determinada pelo seu destinatário. Além disso, é nas interpretações individuais geradas na recepção que as influências das experiências literárias anteriores se manifestam. É recorrente, no caso do LCVA, que elementos de leituras já realizadas venham à baila para auxiliar na busca de melhor entendimento do que acabou de ser lido em voz alta. É, dessa maneira, por exemplo, que o Hermógenes criado por JGR se correlaciona com o Satã descrito por John MILTON, por suas características serpentiformes e porque o LCVA leu literariamente o *Paraíso Perdido* e, nesse semestre, faz o mesmo com o GS:V.

A ideia de comunidades de leitores é, a partir de Roger Chartier (1999), sintetizada por Cosson (2020) como “uma forma de interação social por meio da qual as práticas de leitura ganham a especificidade e concreticidade dos gestos, espaços e hábitos” (COSSON, 2020, p. 138). E alarga esse entendimento ao declarar que:

[...] uma comunidade de leitores é definida pelos leitores enquanto indivíduos que, reunidos em um conjunto, interagem entre si e se identificam em seus interesses e objetivos em torno da leitura, assim como por um repertório que permite a esses indivíduos compartilharem objetos, tradições culturais, regras e modos de ler (COSSON, 2020, p. 138).

Calcado em sua experiência docente, Rildo Cosson (2020) objetiva, primordialmente, o letramento literário, a formação de leitores de textos literários e, nesta feição, ele formula uma proposta de solução que denomina Círculos de Leitura, dotados de um regramento bem definido, próprio para uso em ambientes escolares. Defende, portanto, que a literatura deve ser ensinada e que sua proposta denominada de letramento literário seja uma prática social de responsabilidade da escola.

Assim, esclarece que:

[...] os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...] (COSSON, 2020, p. 139).

É na partilha das apropriações de cada leitor individual que o grupo, por meio do diálogo, tem a oportunidade de realizar, coletivamente, “a modelização por uma experiência de realidade fictícia”, que é outra das funções da leitura literária segundo Michel Picard.

Quanto à apropriação, Roger Chartier (1999) assim se manifesta:

De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção – uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção. De outro lado, deve-se considerar o conjunto de condicionantes que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura ou da audição, ou das competências, convenções, códigos próprios à comunidade à qual pertence cada espectador ou cada leitor singular (CHARTIER, 1999, p. 19).

De forma exaustiva, afirma esse historiador do ato de ler que qualquer leitura é influenciada pelo suporte material que contém o texto, condicionando-a, tanto “que a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado” (CHARTIER, 1999, p.71). E é na leitura coletiva que “se aliam as competências individuais e se estabelece uma relação pedagógica imediata e espontânea.” (CHARTIER, 2011, p. 71).

Parto dessas ideias e, por similaridade, deduzo que na leitura coletiva igualmente são construídas interpretações que ensejarão apropriações dependentes dos protocolos ou regras de funcionamento adotados pelo grupo de leitores. No grupo LCVA, como sintetizo nos itens 5.3 e 6.3, o uso de voz alta favorece e incentiva uma maior produção de interpretações, comparativamente a outras modalidades utilizadas por outros grupos de leitura, devido à prática adotada de estimular intensa exposição das interpretações individuais após cada curto trecho da obra clássica ter sido lido em voz alta.

É lugar comum que os encontros promovidos pelos grupos de leitura são realizados para instaurar um diálogo entre os integrantes tendo como motivação a leitura de um texto específico. Ocorre que tal não apresenta uniformidade em função dos diferentes protocolos de leitura estabelecidos por diferentes grupos. Por exemplo, há comunidades de leitores que se reúnem para discutir ou trocar impressões sobre um livro ou um trecho de um livro já previamente lido por todos: compartilham-se experiências de leituras previamente realizadas. Há outras comunidades que se encontram para ouvir um dos leitores discorrer sobre sua experiência individual de uma leitura, procedendo a leitura em voz alta de um capítulo ou de um determinado trecho ou vários trechos do texto. Há outras mais que se reúnem e todos os

seus integrantes leem trechos ou discorrem sobre a leitura que cada um está realizando, não necessariamente de um mesmo texto literário. Há, também, grupos de leitura literária que se reúnem para construir análises centradas em linhas específicas de pensamento para o texto lido pelo grupo.

Penso que os diversos formatos de funcionamento dos grupos de leituras que tenham entre seus objetivos a prática da leitura literária, sempre vão envolver-se com interpretações, e será nestas que produzirão os sentidos e as respectivas significações, conforme ensinado na teoria da interpretação de Paul Ricoeur (1969 apud JOUVE, 2002, p. 128):

[...] o sentido remete ao deciframento operado durante a leitura, enquanto a significação é o que vai mudar, graças ao sentido, na existência do sujeito. Em outros termos, existe, de um lado, a simples compreensão do texto e, de outro, o modo como cada leitor reage pessoalmente a essa compreensão (RICOEUR, 1969 apud JOUVE, 2002, p. 128).

Mesmo naqueles grupos que se encontram após seus integrantes terem realizado, de maneira solitária, previamente a leitura, ocorre a oportunidade de que no diálogo sejam criadas condições para o compartilhamento dos sentidos, decorrentes da apropriação do texto lido, e as significações geradas pelos sentidos na existência de cada leitor. O protocolo de leitura do LCVA, como veremos quando descrevo o seu funcionamento, não prevê a leitura prévia.

4.3 Considerações parciais

O percurso histórico do livro e da leitura mostra que, em alguns séculos, migrou-se de uma realidade de escassos livros e leitores, como comprovam muitos estudos sobre a Idade Média, para a realidade atual em que podemos até imaginar as “bibliotecas sem muros”¹⁰ da Internet, tão enormes na quantidade possível de textos, que lembram a metafórica biblioteca de Babel, de Jorge Luis Borges.

Entendo que nesse mundo potencialmente inesgotável de acesso a qualquer gênero de texto, um grupo de leitura literária ganha relevância porque vejo nele a possibilidade de organização dentro de algo que, de tão imenso, semelha o caos, já que se sabe de antemão que convivemos com a impossibilidade de tudo ler, mesmo para aqueles que são leitores o mais proficientes possível. Configura-se cada vez mais a ideia de Chartier (1999) de que a posse

¹⁰ Essa expressão é o título de um dos ensaios da obra *A ordem dos livros*, de Roger Chartier (1998, p. 67).

particular do saber se torna impossível e entramos na era, talvez particularmente inquietante para o trabalho intelectual, do desconhecimento forçado.

Um grupo de leitura que tem como objetivo dedicar-se à leitura literária de clássicos, caso do LCVA, sempre remeterá ao tão citado ensaio *Por Que Ler Os Clássicos* (CALVINO, 1993).

Me permito parafrasear as já clássicas propostas de definição de Italo Calvino (1993, p. 9-16) para o termo clássicos para expressar minhas considerações quanto aos grupos de leitura, bastante influenciado pelas experiências vivenciadas nos últimos anos nos encontros do grupo LCVA:

— Podemos dizer que grupos de leitura se constituem uma riqueza para quem deles participa, mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de ler clássicos pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los numa leitura em grupo (paráfrase da proposta 2);

— Os grupos de leitura exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente individual ou coletivo do grupo (paráfrase da proposta 3);

— Todo grupo de leitura (de clássicos) faz uma leitura de descoberta como uma primeira leitura (paráfrase da proposta 4);

— Toda primeira leitura de um grupo de leitura (de um clássico) é na realidade várias releituras (paráfrase da proposta 5);

— Um grupo de leitura nunca termina de dizer aquilo que tem para dizer (paráfrase da proposta 6)

— Os grupos de leitura são aqueles que trazem consigo as marcas das leituras anteriores e atrás de si os traços que deixaram na vida ou nas vidas que o atravessam, ou mais simplesmente, nas significações ou nas suas memórias (paráfrase da proposta 7)

— Um grupo de leitura é um grupo que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos (paráfrase da proposta 8);

— Os grupos de leitura são grupos que, quanto mais pensamos em participar, quando participamos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos (paráfrase da proposta 9);

— O “seu” grupo de leitura é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele (paráfrase da proposta 11);

— É um grupo de leitura aquele que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo (paráfrase da proposta 13);

— É um grupo de leitura aquele que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível (paráfrase da proposta 14);

E, finalmente, para completar minha “transgressão”:

— A única razão que se pode apresentar é que participar de um grupo de leitura é melhor do que não participar.

Esclareço que minha liberdade nas paráfrases acima se circunscreveu em apenas tomar as conhecidas propostas de Italo Calvino (1993) e substituir os clássicos pela expressão grupos de leitura. E, como não poderia deixar de ocorrer, há uma excelente congruência, pois, quando esse importante escritor procura as razões em *Por que ler os clássicos*, está valorizando não apenas os clássicos como também, e principalmente, a leitura deles.

5 O GRUPO LCVA ANTES DA PANDEMIA DE COVID-19

O crítico Terry Eagleton (2020) pontua que “algumas obras literárias resistem mais à interpretação do que outras. Tal como a civilização se torna mais complexa e fragmentária, o mesmo ocorre com a experiência humana e seu veículo literário, que é a linguagem” (EAGLETON, 2020, p. 129); e, quanto à “literariedade” de uma obra, alerta que:

As obras literárias, além de relatos, são peças retóricas. Exigem um tipo de leitura especialmente alerta, atenta ao tom, ao estado de espírito, ao andamento, ao gênero, à sintaxe, à gramática, à textura, ao ritmo, à estrutura narrativa, à pontuação, à ambiguidade - de fato, a tudo que entra na categoria de “forma”. [...] O que entendemos por obra “literária” consiste, em parte, em tomar *o que* é dito nos termos *como* é dito. É o tipo de escrita em que o conteúdo é inseparável da linguagem na qual vem apresentado. A linguagem é constitutiva da realidade ou da experiência e não se resume a mero veículo (EAGLETON, 2020 p. 12–13).

A essas concepções acrescento as preocupações expressas por Todorov (2009) com seu olhar crítico sobre o ensino da literatura no contexto escolar francês, e sinto-me à vontade para, mesmo em um contexto bastante diferente como é o brasileiro em termos de ensino, que também temos sérios problemas no que Cosson (2020) denomina de letramento literário, até mesmo quando se trata de um estudante universitário em um curso de Letras. Julgo que se constitui uma falha de responsabilidade do aluno a possibilidade de bacharelar-se nas mais diversas habilitações sem que se submeta – uso aqui um termo bastante caro a JGR – às travessias proporcionadas pelos chamados cânones literários. Trago, para fins de reflexão, não obstante as realidades brasileira e russa serem bastante diversas, o fato de um aluno russo, ainda no equivalente ao nosso ensino médio, ter que, obrigatoriamente, ler os clássicos *Crime e Castigo*, de Dostoiévski (2019) e *Guerra e Paz*, de Tolstói (2011).¹¹ Entendo, e o faço tendo em conta as citações que fiz tanto de Todorov (2009) como de Petit (2019) e Cosson (2020), que o desenvolvimento da competência para enfrentar as especificidades da leitura literária é uma das maiores responsabilidades da escola, até para a formação da cidadania.

Louvo, então, iniciativas que são levadas a cabo pelos professores que promovem referidas travessias. É o caso do grupo LCVA, nascido como Projeto de Extensão, no IL -

¹¹Para fazer essa afirmação valho-me do depoimento da professora russa, tradutora e pesquisadora Elena Vássina, disponível em vídeo do evento *Literatura na Mário: Dostoiévski & Tolstói*, com ela e o tradutor Rubens Figueiredo, promovido pela Biblioteca Mário de Andrade, em 03/02/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ddA7F-1bqko&t=493s>. Acesso em: 15 de abr. 2021.

Instituto de Letras da UFRGS, que contribui sobremaneira, em minha ótica, para o reconhecimento da importância da Literatura no sentido defendido por Tzvetan Todorov (2009) e tantos outros. O grupo LCVA propicia não apenas que as funções de uma leitura literária se concretizem, mas, ao abrir um espaço importante para o diálogo com e sobre a literatura para o compartilhamento de interpretações, alia, ademais, uma experiência que extrapola a pura fruição para ser uma oportunidade pedagógica, de formação e de transmissão de conhecimento.

5.1 Breves considerações históricas

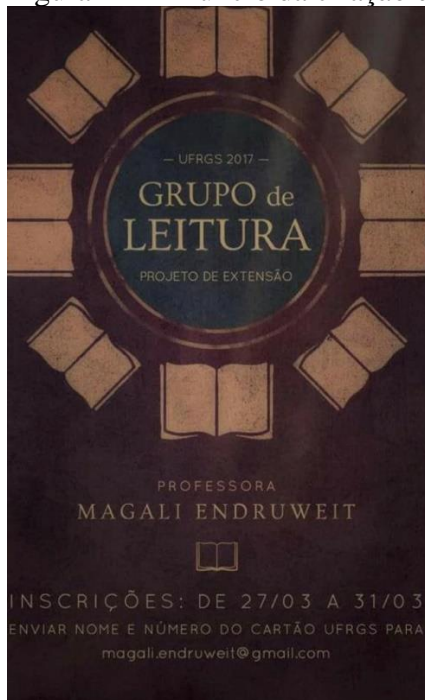
No ano de 2017 nasceu o grupo de leitura, como atividade de extensão universitária, que ao longo de algumas leituras literárias de textos clássicos consolidou-se no grupo para o qual foi adotada a denominação LCVA - Lendo os Clássicos em Voz alta, conforme Netto e Endruweit (2021), que se constitui em um projeto de extensão ativo e objeto de pesquisas.

Reproduzimos parte do texto do convite veiculado pela Internet visando à formação do grupo e no qual podemos ver expressos o posicionamento e as razões invocadas para justificar a iniciativa:

GRUPO DE LEITURA. O projeto destina-se a incitar e valorizar a leitura em grupo e em voz alta, de maneira a criar o hábito de ler, ouvir e discutir literatura entre colegas, vencendo a solidão da leitura. Esse projeto justifica-se pela necessidade de haver um espaço de partilha, um momento de interlocução em que o aluno possa exercitar a escuta e criar o hábito de leitura. A discussão em grupo orientada pelo professor, facilita a troca de impressões e a criação de vínculo entre os participantes (Lendo Os Clássicos em Voz Alta, 2017).

Acompanhava o convite o seguinte anúncio:

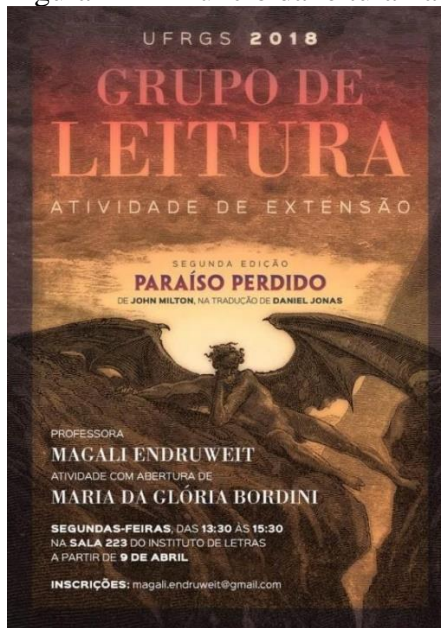
Figura 1 — Anúncio da criação do grupo de leitura



Fonte: elaborado pelo grupo LCVA (2017)

A obra de estreia para a modalidade de leitura literária foi uma tradução do clássico grego *A Ilíada*. Os encontros semanais para leitura coletiva foram realizados em uma sala dos professores no Instituto de Letras da UFRGS em horário não coincidente com as grades de matrículas dos participantes, e todos eram de alguma forma vinculados ao mundo das Letras, com a coordenação da Professora Magali Endruweit. Passei a integrar o grupo a partir da segunda edição, em 2018, quando foi selecionada para a leitura uma tradução da obra clássica *O Paraíso Perdido*, de John Milton (2015), cujo anúncio/convite para integrar o grupo foi o seguinte:

Figura 2 — Anúncio da leitura Paraíso Perdido pelo grupo



Fonte: elaborado pelo grupo LCVA (2018)

O grupo, até a eclosão da pandemia, realizou outras leituras, consolidando seus protocolos, sempre optando por obras literárias classificadas como clássicos ou cânones da literatura.

5.2 Referências teóricas

A proposta de criação de um grupo de leitura, como atividade de extensão, guarda total coerência com o fato de ter brotado de uma docência com anos de labor direto com a produção textual e a leitura, dentro do Instituto de Letras, bem como em outras instituições antes de ingressar na UFRGS. E essa proposta, no meu entender, se ajusta perfeitamente à responsabilidade institucional de uma universidade, em especial, em um Instituto de Letras, como atividade de caráter formativo e de transmissão de conhecimentos. Faz-se necessário o registro de que o livro de Gallian (2017), foi uma fonte de inspiração para que, na proposta de criação do grupo de leitura como atividade de extensão, formulada por Magali Endruweit, o foco das obras selecionadas privilegiasse os livros denominados de clássicos.

Entretanto, considero a vocalidade o fator mais importante introduzido por Magali Endruweit nos protocolos da prática de leitura do grupo, o ato de ler em voz alta, trazendo para os encontros o performático teorizado por Paul Zumthor (2018), instanciando mais órgãos dos sentidos dos leitores envolvidos na produção de significados a partir dos sentidos apropriados

no texto literário clássico. Não se trata, no meu ponto de vista, de algo fortuito ou incidental. Preciso recorrer a algumas considerações que dizem respeito a uma prática incentivada e de uso, por décadas, no Instituto de Letras da UFRGS, especialmente por alguns professores dedicados a ensinar a escrever em Português. Penso que será justamente aí que se encontrará a fundamentação da leitura em voz alta no grupo LCVA.

Reproduzo, para melhor contextualizar referida fundamentação, a mesma citação que há no texto(-homenagem) *É preciso aprender a aprender com o Paulo ou ninguém deve nada pra ninguém* de autoria de Endruweit (2018):

Trata-se, pois – um tanto para o professor quanto para o aluno -, de ensinar(-se) a escrever com a finalidade de submeter o texto escrito a uma leitura pública, isto é, de produzir efeitos de sentido sobre bem determinados leitores e ler o que foi escrito com o ânimo de dialogar com o texto lido em confronto com sua história de leitor e de cidadão e de ser humano solidário (GUEDES, 2002, p. 81).

Por décadas essa proposição é usada nas disciplinas de leitura e produção textual (que no passado teve diferentes denominações, como, por exemplo, composição textual) ministradas por alguns professores da UFRGS, dentre eles a professora Magali Endruweit. Produzir um texto e submetê-lo, pela leitura em voz alta, aos demais colegas e ao professor para uma análise crítica, tem sido uma base de formação de muitos profissionais do texto (jornalistas, escritores, professores de língua portuguesa, poetas, etc.) que passaram pelo curso de Letras nas disciplinas dedicadas à produção textual. Tal sistemática foi concebida por Paulo Guedes (2002) e continuada por outros professores. Arrisco afirmar que até antes de Paul Zumthor produzir tantos ensaios importantes sobre a letra e a voz, sobre a performance da leitura, aqui em Porto Alegre, existia tanto em escolas de ensino médio como, depois, na universidade, um fazer pedagógico no ensino da língua portuguesa que instanciava performances, em aula, para os textos produzidos pelos alunos.

Retomo a última citação realizada neste trabalho, e reafirmo que a leitura em voz alta, coletiva, age e possibilita uma maior produção de significados; promove o diálogo entre o que emite a elocução e os que a ouvem; enseja que o convívio possa gerar solidariedade no aprofundamento das análises e das interpretações, além de trazer elementos gerados pela subjetividade daquele que lê o seu próprio texto, colocando-o no “palco” diante dos demais ouvintes. Parece uma atividade simples, no entanto, sua execução sempre envolverá a emergência de uma situação desafiadora, indutora de reflexões, de interpretações e até de tensões. No caso, na especificidade de uma sala de aula, temos um aluno que foi desafiado a cumprir uma tarefa, normalmente produzir um texto cujo tema envolve algo pessoal ou

emocional. O aluno, ao produzir o seu texto, assume a instância de autor. Pela sistemática, ele tem que realizar a performance de leitor, lendo o texto cujo autor é ele próprio, no contexto da sala de aula onde se dará uma recepção que terá a incumbência de submeter o texto a uma análise crítica coletiva. A proposta “mescla” no aluno a tríade básica do ato de ler, convertendo-o no autor-texto-leitor que está sob a análise dos demais. Configura-se, no mais das vezes, uma experiência enriquecedora e formativa para todos os participantes. Além de que, é em tal configuração que temos, assim me parece, a realização da hipótese levantada por Endruweit e Nunes (2013, p. 212), teorizada sob a ótica da enunciação, de que a “leitura pública do texto em sala de aula funcionaria como um nível intermediário entre a presença do interlocutor na fala e sua ausência na escrita”.

Portanto, a forma com que a leitura em voz alta foi introduzida nas regras da prática do grupo LCVA justifica-se, sob minha ótica, numa longa prática bastante produtiva de significados, largamente utilizada e atestada, na produção textual em disciplinas do Instituto de Letras da UFRGS, desde antes do ano 2000, e operada por alguns professores, principalmente Endruweit.

5.3 Considerações parciais

O grupo de leitura LCVA certamente apresenta no seu funcionamento muitas similaridades com outras comunidades de leitores. Mesmo que ele tenha sido inspirado de alguma forma, por exemplo em Dante Gallian (2017), vejo, muito nitidamente, diferenças essenciais. A proposta dos círculos literários de Rildo Cosson (2020), pensadas manifestamente para um uso escolar visando ao letramento literário, guarda com as propostas de Dante Gallian a característica comum de um regramento bem elaborado e, na minha visão, com uma certa inflexibilidade e burocratização de procedimentos. Julgo que estes tenham suas razões justificadas de assim serem (no caso de Cosson, por ser uma proposta de formar leitores sob as regras da escola no ensino médio; no caso de Gallian, uma indisfarçável criação de “produtos” para comercialização no mundo corporativo).

Firmo meu posicionamento não apenas pela observação, mas, principalmente, por ser participante do grupo, no qual a experiência de leitura literária adotada tem muita ressonância com, por exemplo, Todorov (2009) em sua defesa da Literatura: “pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação” (TODOROV, 2009, p. 82).

E para levar a termo tal vocação, a de compreender melhor o homem e o mundo, se impõem o convívio, a troca e o diálogo. O protocolo adotado pelo LCVA facilita sobremaneira o cumprimento desses propósitos com a adoção de um regramento singelo, mas por demais produtivo em termos de leitura literária.

Resumidamente, o funcionamento do grupo de leitura LCVA pode ser assim exposto para o período anterior à pandemia:

Tabela 1 – Esquema de funcionamento dos encontros de leitura literária do grupo LCVA – Antes da pandemia

Organização geral	Os encontros foram realizados dentro de atividade institucional planejada e registrada segundo as normas previstas para as atividades de extensão universitária, na PROREXT – Pró-reitoria de Extensão da UFRGS. [Exemplificando: No ano de 2018 o título da atividade foi Da Tinta À Voz: Lendo Em Voz Alta]
Local de realização	Em uma das salas de professores do Instituto de Letras, no Campus do Vale, da UFRGS.
Modalidade	Presencial, com encontros semanais, realizados à tarde, em horário escolhido de forma a não colidir com as disciplinas em que os participantes estavam matriculados. [Exemplificando: Em 2018 foi realizada a leitura pelo grupo do poema <i>Paraíso perdido</i> , de John Milton (2015), edição bilíngue, na tradução de Daniel Jonas. As leituras no primeiro semestre ocorreram às segundas-feiras e no segundo semestre às terças-feiras, no horário das 13h30 às 15h30.]
Participantes	O grupo de leitura era constituído pela Coordenadora Professora Magali Lopes Endruweit e alguns alunos (quase todos de cursos da Letras) num total que não ultrapassava 8 pessoas devido à limitação de espaço físico.
Protocolos de leitura - descrição	A prática da leitura observada nos encontros seguia o seguinte roteiro básico em cada encontro presencial: <p>Fase 1 A Coordenadora solicitava uma breve recapitulação do encontro anterior, principalmente focada na parte final da leitura. Tratava-se de uma fase de contextualização, de aquecimento, uma preparação para o ato de ler. Essa fase tinha a função de posicionar todos os leitores presentes, situando-os e preparando-os para o início da leitura. Essa fase era importante para retomar algum ponto da leitura anterior que, na visão de qualquer um dos leitores, necessitasse de esclarecimento ou aprofundamento adicional.</p>

Fase 2 A Coordenadora solicitava que um dos leitores se voluntariasse a iniciar a leitura do dia, em voz alta, a partir do ponto em que terminou no encontro anterior. O leitor lia em voz alta um trecho do texto literário a partir de seu livro (ou outro suporte, por exemplo, texto em formato PDF, no *tablet*, ou celular), enquanto os demais leitores, em seus livros ou em outros suportes, liam o mesmo trecho, silenciosamente, no ritmo ditado pela leitura em voz alta.

[Exemplificando: leitura de 16/abr./2018: Livro I/O verso / Argumento / Do verso 1 ao verso 74; leitura de 23/abr./2018 – Livro I – do verso 75 ao 329; leitura de 02/out./2018 – Livro IX – do v.759 ao v.1185; leitura de 06/nov./2018 – Leitura do livro XII, 645 versos, finalizando o *Paraíso Perdido*. A leitura do dia 18/set./2018 contou com o convidado José Francisco Botelho, escritor e tradutor de Shakespeare]

Fase 3 Após a leitura em voz alta de um trecho do texto, a Coordenadora abria um espaço destinado ao compartilhamento com o grupo das interpretações, dos comentários, das dúvidas e das impressões geradas pelo texto lido. Realizava-se, assim, a partir do texto lido e colocando em ação as competências e conhecimentos de cada leitor, fase de ampliação dos entendimentos, um aprofundamento dos sentidos e dos significados produzidos. Esgotadas as manifestações, outro leitor passa a ler em voz alta o trecho seguinte, de forma que o processo se repete - **Fase 2** seguida da **Fase 3** - até o encerramento do encontro.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

O protocolo de leitura adotado na prática do grupo LCVA, sintetizado na Tabela 1, pode ser caracterizado através do seguinte detalhamento:

- a) há um cronograma definido de encontros;
- b) um único texto definido para leitura;
- c) o texto é selecionado dentre os que são considerados clássicos;

- d) o local utilizado para os encontros presenciais configura uma limitação importante: o número de leitores do grupo deve ser reduzido, compatível com o espaço físico disponível;
- e) todos os integrantes portam o texto na leitura (podem ser livros de diferentes edições);
- f) não se recomenda a leitura prévia do texto para participar dos encontros;
- g) na leitura em voz alta o trecho lido é variável quanto à extensão, pois depende de cada obra (prosa, verso, estilo do escritor, extensão dos parágrafos, etc.). Geralmente, em uma obra em prosa, são sempre bem poucos parágrafos em cada trecho lido em voz alta;
- h) o compartilhamento é bastante variável em termos de tempo (depende do texto, dos sentidos que foram gerados, das significações produzidas, das conexões levantadas nas interpretações, etc.);
- i) a coordenação sempre incentiva para que todos os leitores façam a leitura de trechos em voz alta;
- j) a coordenação sempre incentiva para que todos os leitores compartilhem sua apropriação do texto, as significações que foram geradas, e externe as conexões que o texto provocou em sua interpretação individual;
- k) quando um leitor está lendo um trecho em voz alta, os demais também leem silenciosamente o mesmo trecho;
- l) no final do processo, a obra é integralmente lida em voz alta, através de pequenos trechos seguidos de ampla discussão crítica, em vários encontros;
- m) a coordenação consulta o grupo para realizar a seleção de outro clássico a ser lido.

A Tabela 1 e o detalhamento acima são resultados de minha observação e participação como leitor do grupo LCVA. Deles depreende-se que o protocolo adotado favorece que o grupo, ao realizar sua leitura, aja como uma comunidade interpretativa na qual as competências individuais de leitura são mobilizadas para concretizar a produção de sentidos e significados que serão compartilhados.

No item 2.2 citei as três funções essenciais da leitura literária segundo Vincent Jouve (2002), o qual recorre a formulações de Michel Picard: elas estão referidas à leitura literária de qualquer leitor. Vejo como inquestionável a ampliação de possibilidades para o exercício de tais funções no contexto de uma leitura literária coletiva realizada em voz alta como a praticada

pelo grupo LCVA. As interpretações geradas coletivamente têm maior potencial em mergulhar na cultura, em produzir maior quantidade de significações e em trazer à baila mais situações que “experimentam” imaginariamente o mundo proposto no texto literário.

A fusão das leituras que o protocolo adotado propicia é sumamente produtiva: na Fase 2 instaura-se não apenas uma performance do leitor que faz a leitura em voz alta: instaura-se uma performance coletiva, grupal; esta, para um observador externo, assim se processa: um trecho é lido em voz alta por um leitor e, ao mesmo tempo, o mesmo trecho é lido silenciosamente pelos demais leitores do grupo, mas há uma conexão entre todos os leitores: a velocidade de leitura dos leitores silenciosos é pautada, é ritmada pela leitura em voz alta. Enquanto o leitor em voz alta faz sua performance, é como se ele entrasse no texto, se isolasse do mundo e construísse uma fronteira invisível que abarcasse a ele, leitor, e o texto, para que a performance de sua vocalidade ou seja, de sua elocução. Tudo parece próximo da ilusão de que sua leitura apresenta uma independência de como os demais o estão ouvindo. Por outro lado, todos os demais leitores transformam-se em leitores e ouvintes do mesmo trecho: há uma leitura silenciosa concomitante com uma audição. Em resumo: o protocolo adotado conduz a que todos os leitores instanciem mais sentidos de seu sistema sensorial (comparativamente à leitura tão contemporânea: sentado, solitária, silenciosa): o da visão, o da audição e o do tato. Como sempre há performance no leitor em voz alta, também vejo performance no grupo. É nessa pluralidade de leituras (afinal, todos leem o mesmo trecho e todos ouvem a leitura em voz alta do mesmo trecho), que ocorrem a apropriação, a recepção, a percepção de sentidos e a geração de significações. É ainda, no calor dos atos de leitura, em voz alta e silenciosos, que se realiza a Fase 3. Não há intervalo de tempo (como ocorre com os grupos que se encontram para discutir o que foi lido num tempo anterior): é de forma imediata que o grupo é mobilizado. É no quente da performance da leitura em voz alta; é no quente da leitura silenciosa dos demais, mas misturada, fusionada com a audição da vocalidade de um dos leitores que todos são instados a compartilhar a sua interpretação, o seu espanto, a sua dúvida, o seu entendimento, o seu desentendimento, o que o atingiu esteticamente, gramaticalmente, sintaticamente, enunciativamente, etc. O protocolo abre uma possibilidade por demais produtiva: todo o texto é submetido ao exame, ao escrutínio, à análise, à crítica, às diversas interpretações possíveis geradas pelo grupo. O protocolo parece que se aproveita das diversas competências e capacidades individuais dos integrantes do grupo para que o texto seja “escaneado”, parte por parte, pelas leituras de todos e, dessa forma, na Fase 3, muitas vezes, ocorre a emergência de uma substancial pluralidade de significados, expondo a “polissemia” do texto literário.

Resumo dizendo que o protocolo adotado, na sua singeleza, é altamente produtivo e favorece que o grupo LCVA realize uma leitura coletiva e, sem dúvida, literária.

6 O GRUPO LCVA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

As modalidades de leituras coletivas empreendidas por grupos organizados que incluíam entre seus protocolos a reunião presencial sofreram sua interrupção com a adoção do distanciamento social preconizado entre as normas sanitárias, as quais visando enfrentar a pandemia passaram a pautar as atividades humanas.

O distanciamento social, por sua vez, já no início da pandemia, foi enfrentado pelas pessoas impedidas de se encontrar de forma presencial com a conexão via aplicativos da Internet, notadamente aqueles classificados como redes sociais. Ainda nos primeiros meses de 2020, multiplicaram-se as ofertas de aplicativos para conversação instantânea por áudio e vídeo. O mundo corporativo e o mundo do ensino também se apressaram no desenvolvimento de programas que permitissem a migração de atividades, por exemplo as de serviços comerciais, as ligadas a profissionais liberais e as de ensino, para o mundo virtual, traduzidos no *home office* e no ensino remoto.

No mundo mais ligado à cultura ganhou força um fenômeno denominado de *lives*, também na Internet e utilizando aplicativos, o qual permite a conexão ao vivo de pessoas aos mais diferentes eventos (culturais, educativos, corporativos, políticos, cursos, palestras, treinamento, divulgações, etc.), independentemente da localização geográfica dos que se conectavam.

Nesse cenário vários aplicativos já existentes foram modificados e também passaram a permitir a conexão entre pessoas para conversação imediata.

Abriu-se, dessa forma, uma possibilidade de, analogamente, migrar o encontro presencial praticado por comunidades de leitores para a forma de reunião remota e virtual. O grupo LCVA assim procedeu e, ainda no primeiro semestre de 2020, testou diversos aplicativos e transportou o seu protocolo de leitura literária para o mundo digital.

6.1 Breves considerações históricas

O quadro geral, em suas múltiplas possibilidades de ser estudado e descrito, referente a pandemia da COVID-19 está completamente em aberto. As consequências terríveis e dantescas continuam se fazendo sentir em todas as atividades e, especialmente em nosso país, traduzindo-se em milhares de mortos. Certamente a pandemia vai representar um antes e um depois dela para muitos países, setores econômicos, famílias e grupos. Até para o grupo de

leitura LCVA se terá, um dia, essa questão de antes e depois da COVID-19. Por ora, vivemos o durante e sem previsão de quando e como será o depois dela.

A ameaça de interrupção da leitura literária empreendida pelo grupo foi contornada pela migração para outro ambiente. As demandas geradas pelo isolamento social imposto viabilizaram o surgimento de condições estruturais na rede mundial para permitir a continuidade, sob novos procedimentos, de muitas atividades; dentre elas, a própria continuidade das leituras literárias do LCVA.

6.2 Referências teóricas

Terry Eagleton (2020) em *Como ler literatura* escreve que:

A melhor maneira de ver uma obra literária não é como um texto com sentido fixo, mas como matriz capaz de gerar todo um leque de significados possíveis. Mais do que conter significados, a obra os produz. [...] o significado é um assunto público. Não existe um significado que seja só meu [...] (EAGLETON, 2020, p. 149).

E lembra que “uma mudança de tom pode marcar uma mudança de significado” (EAGLETON, 2020, p. 145), uma vez que “pode ser proveitoso tentar definir o tom exato de um texto. Pode ser melancólico, informal, tortuoso, coloquial, conciso, fatigado, loquaz, teatral, irônico, lacônico, simples, corrosivo, sensual, oblíquo e assim por diante” (EAGLETON, 2020, p. 51). E “à medida que lemos, vamos construindo quadros interpretativos continuamente, muitas vezes de maneira inconsciente” (EAGLETON, 2020, p. 125).

De forma que o crítico britânico afirma ser a questão de determinar o sentido de uma obra literária uma tarefa bem complicada.

Percebo que é com esse espírito descrito por Terry Eagleton (2020) que se movimenta a leitura literária praticada pelo grupo LCVA. Além de configurar uma experiência estética, sempre há, nas análises realizadas, uma acentuada sensibilidade aos fatos inerentes à linguagem. Explico isso pelo envolvimento da maioria dos integrantes do grupo com vínculos do mundo das Letras, mais especificamente com o ensino de línguas. Era o que se observava nos encontros presenciais do grupo antes da pandemia. É o que observo continuar acontecendo também durante a pandemia, mas com maior intensidade.

Se a tarefa de determinar o sentido é complicada, a leitura coletiva empreendida pelo grupo LCVA tem, julgo que muito por causa do protocolo de leitura adotado, um esforço coletivo, continuado e frequente, em descomplicar ou, pelo menos, abrir amplas possibilidades

de produção de novos sentidos. Tudo porque é em trecho por trecho que se debruça o grupo no exame dos quadros interpretativos compartilhados. É na execução de seu protocolo de leitura que o grupo LCVA põe em jogo, nas palavras já citadas de Roger Chartier (2011, p. 233) sobre leitura coletiva, alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura de cada um de seus integrantes. É nesse jogo, de leitura em voz alta de um trecho seguido de uma sessão de troca de sentidos apropriados e significados experienciados, que se concretiza uma amostra da dimensão infinitamente variável de uma leitura literária, porque isso dependente daquilo que cada um projeta de si próprio, conforme antes citado de Jouve (2002). Esse jogo foi mantido e, posso afirmar como participante, multiplicado com a possibilidade e a efetiva migração para outro ambiente, abrindo-se mão dos encontros presenciais, mas ampliando-se em muito o número de leitores integrantes do grupo.

Outro aspecto instigante quanto à leitura em voz alta versus a silenciosa é levantado por Chartier (1999) quando afirma:

A leitura em voz alta alimentava uma relação entre o leitor e a comunidade dos próximos, A leitura silenciosa, mas feita em um espaço público (a biblioteca, o metrô, o trem, o avião), é uma leitura **ambígua e mista**. Ela é realizada em um espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é privada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, um círculo invisível que o isola. O círculo é, contudo, penetrável e pode haver aí intercâmbio sobre aquilo que é lido, porque há proximidade e porque há convívio. Alguma coisa pode nascer de uma relação, de um vínculo entre indivíduos a partir da leitura, mesmo silenciosa, pelo fato de ser ela praticada em um espaço público (CHARTIER, 1999, p. 143–144, grifo nosso).

Essa leitura ambígua e mista efetivamente ocorre na prática do grupo LCVA, mas com particularidades que decorrem do meio utilizado para a continuidade da leitura literária no período de isolamento social imposto pela pandemia.

A terrível COVID-19 não impediu o LCVA de continuar sua trajetória de navegar produtivamente pelos mares dos clássicos.

6.3 Considerações parciais

Repito, sob a forma esquemática, através da Tabela 2 abaixo, o funcionamento do grupo LCVA praticado durante a pandemia, (situação que no presente primeiro semestre de 2021 ainda perdura, sem previsão de quando as atividades da UFRGS poderão ser retomadas na forma presencial):

Tabela 2 – Esquema de funcionamento dos encontros de leitura literária do grupo LCVA – Durante a pandemia

Organização geral	<p>Os encontros são vinculados à atividade institucional planejada e registrada consoante as normas previstas para as atividades de extensão universitária, na PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.</p> <p>[Exemplificando: Para o período 2021/2022, o título da atividade de extensão é: Lendo os Clássicos Em Voz Alta, relacionado com projeto de pesquisa e ensino, cuja descrição registra: “Repensar a prática da escrita e da leitura no ensino superior, tendo em vista a formação de leitores e escritores mais competentes para práticas sociais e acadêmicas; mobilizando o referencial teórico metodológico enunciativo, desenvolvendo uma proposta de análise do texto de forma a subsidiar a abordagem da leitura pública em sala de aula. O objetivo geral dessa ação é oportunizar ao aluno da graduação um momento de reflexão acerca da escrita/leitura na universidade...”]</p>
Local de realização	<p>Encontros remotos (via videoconferência) realizados com a mediação da Internet.</p>
Modalidade	<p>Remota, por videoconferência, em dois encontros semanais, de 90 minutos cada, realizados no entardecer, em horário que permita ampliar o número de participantes no projeto de extensão.</p> <p>[Exemplificando: Em 2020, no período de agosto-novembro, o grupo LCVA praticou seu protocolo de leitura literário no clássico <i>Crime e Castigo</i>, de Fiódor Dostoiévski (2019), inicialmente em três encontros semanais (segundas, quartas e sextas-feiras), até a primeira quinzena de setembro. Após, foi adotada a sistemática de dois encontros semanais, às segundas e sextas-feiras, com o término da atividade em 6/nov./2020.</p> <p>Em 25 de janeiro de 2021, iniciou nova leitura literária coletiva: agora um cânone do romance brasileiro, o <i>Grande Sertão: Veredas</i>, de João Guimarães Rosa (1982), em dois encontros semanais – segundas e sextas-feiras – de 90 minutos cada, com início às 18 h 00.]</p>
Participantes	<p>O novo projeto/atividade de extensão permitiu a participação de alunos e do público em geral. Assim, o LCVA tem entre seus integrantes, a partir da atividade de extensão iniciada em 2021, além da Coordenadora Professora Magali Lopes Endruweit, 33 leitores (na sua maioria alunos de graduação em Letras, professores, e alguns externos à UFRGS, incluindo leitores residentes em outros estados da Federação).</p>
Protocolos de leitura - descrição	<p>A prática da leitura adotada migrou de uma modalidade presencial para o ambiente da Internet, em encontros que esquematizamos abaixo:</p> <p>Fase 1 Normalmente, antes das 18h00 das segundas e sextas-feiras, a Coordenadora acessa o ambiente em que o encontro virtual de mais uma leitura literária</p>

em voz alta se realizará. Nessa fase é realizada uma checagem que avalia se as condições para a realização do encontro estão funcionando de forma normal (ambiente disponível e com conexão com velocidade compatível). Pode ocorrer que, por questões de disponibilidade ou outra qualquer, se faça necessário alterar o código de acesso à reunião, ou até mesmo de aplicativo. Em tais situações, os integrantes do grupo são alertados sobre as alterações através mensagem em um grupo nas redes sociais que permite a comunicação rápida com todos. As reuniões virtuais do LCVA utilizam-se de alguns aplicativos disponibilizados gratuitamente na rede mundial e que não imponham restrições de tempo de conexão, que suportem no evento - com qualidade de áudio e vídeo - a conexão simultânea de todos os leitores integrantes do grupo, que possibilite o gerenciamento de acessos, além de permitir a edição de comentários on-line (*chat*). É nesta fase que a Coordenadora e/ou leitor(a), com poderes para tal, concede as permissões para o ingresso dos leitores no ambiente onde ocorrerá a reunião. A coordenação aguarda alguns minutos antes de dar início à Fase 2, tempo em que ocorrem os acessos dos leitores e em que é utilizado, também, na importante atividade de convivência em todos os encontros, um bate-papo de acolhimento, quase sempre envolvendo assuntos do dia a dia e literários (livros, leituras, dicas, filmes, etc.)

[Exemplificando: Na leitura atual, em andamento, iniciada em janeiro de 2021, está sendo mais utilizado o aplicativo Google Meet, por ter se mostrado estável e por permitir a conexão simultânea de todo o grupo por videochamadas, além de possibilitar o gerenciamento dos acessos dos participantes do LCVA].

Fase 2 Após o ingresso de um número considerado razoável de leitores, a Coordenadora solicita aos “presentes” manifestações que permitam uma breve recapitulação do encontro anterior, focada principalmente na parte final da leitura. Trata-se de uma fase de contextualização, de aquecimento, uma preparação para o ato de ler. Essa fase tem a função de posicionar todos os leitores conectados (sobretudo para aquele leitor que não tenha participado do último encontro), situando todos no contexto que findou a leitura anterior. Torna-se, também, um espaço para o esclarecimento de alguma interpretação, algum ponto das análises feitas que

torna necessária, segundo a visão de qualquer dos leitores, a retomada da discussão.

Fase 3 A Coordenadora pergunta aos leitores quem quer iniciar a leitura (e, caso o aplicativo disponha da função virtual de “levantar a mão”, e mais de um leitor faz uso dela, a coordenação já pode dispor de uma relação ordenada dos leitores seguintes). Solicita, então que o primeiro voluntário inicie a leitura do dia, em voz alta, a partir do ponto que terminou no encontro anterior. O leitor lê em voz alta um trecho do texto literário a partir do suporte material que tem à mão e que contém o texto da obra clássica que está sendo lida: pode ser um livro físico ou uma edição eletrônica em seu telefone celular, ou no seu *tablet*, no seu computador ou no seu leitor de *e-book*. Os demais leitores ouvem a leitura em voz alta ao mesmo tempo que praticam uma leitura silenciosa, no mesmo trecho, e no ritmo ditado pela leitura oral.

[Exemplificando: 25/jan./2021 – 1º encontro: início da leitura de GS:V, da p.9 (NONADA. Tiros...) até p.13; 29/jan./2021- 2º encontro: da p. 13 (Compadre meu Quelemém reprovou...) até p. 19 (... fabricante de azeite e sacristão, no São Domingos Branco. Tempos!); 29/mar./2021 – 19º encontro: da p. 136 (Mire e veja: naqueles dias....) até p. 143 (Reflita o senhor nisso, que foi o que depois entendi vasto.)]

Fase4 Após a leitura em voz alta de cada trecho do texto, a Coordenadora abre um espaço em que comentários, impressões, dúvidas, interpretações sobre a parte lida são emitidos pelos leitores e pela Coordenadora. Realiza-se, assim, partindo do trecho lido e colocando em ação as competências e conhecimentos dos leitores, uma fase cujo propósito de entender, de ampliar, de aprofundar os sentidos que o autor e o texto despertaram em cada um dos leitores na forma de significados ocorra. Esgotadas as manifestações, tem-se o término desta fase e retoma-se nova leitura de novo trecho, em voz alta, por outro leitor, seguida de discussão. O processo repete-se até o término do encontro virtual.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Em relação ao detalhamento das características do protocolo observado antes da pandemia, que fiz no item 5.3, este repete-se quase que integralmente durante a pandemia,

demonstrando que o regramento consolidado pelo grupo LCVA pôde ser reproduzido no ambiente da Internet. O item d) é o único que sofre alteração, pois os encontros passam a ser mediados pela Internet, sem a limitação imposta pelo espaço físico que existia antes da pandemia, o qual determinava a quantidade máxima de participantes do grupo de leitura. Portanto, um dos ganhos mais importantes para o LCVA com a migração para o ambiente virtual foi a ampliação substancial de leitores, não importando sua localização geográfica nem seu vínculo com a Universidade.

No presente semestre o grupo está dedicado a uma leitura literária do GS:V de JGR, como já afirmei acima. O próprio autor desse clássico escreveu, em carta de 9 de fevereiro de 1965, a seu tradutor para a língua alemã, o seguinte:

Em geral, quase toda frase minha tem de ser meditada, mesmo as aparentemente curtas, simplórias, comezinhas, trazem em si algo de *meditação* e *aventura*. Às vezes, juntas, as duas coisas: *aventura* e *meditação*. Uma pequena dialética religiosa, uma utilização, às vezes, do paradoxo; mas sempre na mesma linha constante, que, felizmente, o amigo já conhece [...] nos planos, que sempre se interseccionam, da poesia e da metafísica (MEYER-CLASON, 1998, p. 61).

Antes da pandemia e, por ora, durante o grupo LCVA, em seu protocolo de leitura, age no sentido de atender a essa recomendação geral de JGR: são frequentes os espaços abertos para empreender a aventura de “meditar” a partir das frases do texto. Exemplificando: na leitura do GS:V do parágrafo iniciado por “Haja de contar o que foi...” (GUIMARÃES ROSA, 1982, p. 157) e finalizado com “[...] O cheiro dum arará-branco formava bolas. Quietei.” (GUIMARÃES ROSA, 1982, p. 158), quando o compartilhamento de quadros interpretativos parecia estar esgotando a discussão do grupo, uma leitora pediu para manifestar-se sobre as duas referências a estrelas (“estrelas remexidas” e “as estrelas dianteiras”) que constam no parágrafo e também sobre a “jaculatória de São Bento”. Riobaldo conta que rezou tal jaculatória, após falar no seu relato de cobra, cascavel e surucucú. Ao trazer para o grupo o conteúdo da jaculatória, com referências a satanás e ao veneno, e também contextualizar com fatos atribuídos à biografia do monge e, principalmente, a significação dos símbolos que acompanham sua imagem, estabeleceram-se várias conexões que, certamente, auxiliaram no entendimento de sentidos do texto e, talvez, até os pretendidos por JGR. Cabe invocar aqui Barthes (2013, p. 32) quando diz que o texto “produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa.” Justamente nessa ideia é que vejo umas das maiores virtudes do protocolo de leitura do LCVA: ele funciona orientando que após a leitura de um trecho curto em voz alta,

todos os leitores “levantem suas cabeças”. É nesse levantar a cabeça, nesse parar para mais fundo esquadrinhar o texto, para “meditar” o texto, nesse espaço aberto para examinar a gramática e a sintaxe, a sonoridade e os possíveis fios poéticos, que se produz uma leitura literária de forma livre, aberta e colaborativa. Foi justamente num “levantar a cabeça” que a jaculatória de São Bento, talvez completamente fora do contexto de vida de quase todos os demais leitores do grupo, ganhou protagonismo e passou a integrar a interpretação do grupo.

Para Terry Eagleton (2020, p. 23) as obras literárias geralmente “sabem” coisas que o leitor não sabe, ainda não sabe ou talvez nunca venha a saber. Penso que em um grupo de leitura literária pode ocorrer algo análogo: ninguém saber o que seja a jaculatória de São Bento, mas basta um ou alguns saberem e o protocolo de leitura adotado pelo grupo ser tão produtivo que crie espaços ou faça os integrantes “levantarem a cabeça” para que se viva uma aventura e se medite em toda e qualquer frase do texto. Isso, para mim, só se concretiza em um grupo em que as regras sejam poucas e libertadoras na sua execução: não se cobra dos leitores que se comportem como defensores ferrenhos se Capitu foi ou não infiel; ou que sejam partidários fervorosos de Aquiles e não de Odisseu ou vice-versa. O protocolo de leitura do LCVA não obsta visões em conflito. Pelo contrário, todos os sentidos apreendidos ou que se transformaram em significados são sempre bem-vindos nos múltiplos tempos de compartilhamento ensejados na sua leitura literária.

Retomo agora a ideia da leitura ambígua e mista para relatar que a modalidade praticada pelo grupo LCVA contém, conforme caracterizei acima, a realização efetiva de leitura em voz alta, cujo uso resulta na leitura integral do texto ao final do processo, além de numerosa leitura silenciosa, com a língua quieta como na acepção de Santo Agostinho. Desta forma, há através da execução do protocolo de leitura do grupo a prática de uma leitura mista, que compreende a silenciosa e a em voz alta. Por outro lado, vejo a ambiguidade, levantada por Roger Chartier (1999, p. 143–144), bem presente quando observo as leituras silenciosas realizadas por cada leitor concomitantemente ao leitor que a faz em voz alta, conforme esquematizo na Tabela 2. As leituras silenciosas no LCVA diferem daquela silenciosa e com o leitor solitário em seu ambiente privado, longe dos olhos de outras pessoas. Este último pode realizar sua leitura quase plenamente de forma visual, não necessitando instanciar o sentido da audição. Na leitura silenciosa no LCVA não há silêncio; sempre há o acionamento do sentido da audição por parte de todo o grupo: o protocolo em sua execução leva os leitores silenciosos a “emudecidamente” usar o sentido da audição para ritmar a própria leitura silenciosa com a voz que lê em voz alta. Na leitura silenciosa no LCVA também não há solidão. No entanto, a ambiguidade, penso eu, se apresenta igualmente no aspecto público x privado. A utilização da

estrutura da rede mundial para viabilizar a continuidade da leitura literária do grupo “presentificou” o mesmo fenômeno surgido com as denominadas *lives* durante a pandemia. O público (as pessoas) passou a visualizar, a acessar, a “ingressar virtualmente” nos espaços privados de outras pessoas.

Aquela leitura privada, silenciosa, do leitor no metrô, espaço público, mencionada pelo historiador francês, no caso da leitura literária do LCVA, durante a pandemia, pode ser assim descrita: cada leitor em seu ambiente privado (na sua moradia habitual, seja na sala, no quarto ou no escritório) “abre” sua privacidade para os demais leitores. Na tela do computador ou do *smartphone* usado para ingressar na reunião do grupo, fica exposto o mosaico do aplicativo com a imagem e o áudio dos ambientes privados de todos os leitores. É aqui que o ambíguo se instaura: a leitura é para um público, feita através de meios públicos, realizada tanto a em voz alta como as silenciosas em ambientes privados, penetráveis com o auxílio da tecnologia, geograficamente separados e até muito distantes um do outro, mas “juntos” virtualmente, e, sem dúvida, em convívio. Fala-se de uma convivência que, eventualmente, absorve junto com os ambientes privados, os objetos, os animais domésticos, os livros, os filhos, a manha do irmãozinho bebê, o ruído provocado pelo vizinho que faz um furo na parede, a ambulância com a sirene aberta que passa em frente da casa de um dos leitores, um celular que toca, um familiar que fala, ... Parece que a ambiguidade, ou essa estranheza, suscitada pelo privado e não privado, ocorre também na presença. Afinal, se todos os conectados estão “presentes”, percebidos pela imagem disponível dos ambientes privados de cada leitor e eventual som de tais ambientes, então a possibilidade de leitura solitária foi quebrada. Mesmo quando um leitor desliga seu microfone e sua câmera, ele continua “presente” junto ao grupo, conectado, sem imagem e sem áudio, e sua “não presença” continua sendo mostrada no mosaico da tela. Em tal condição, ele continua com a imagem e eventual áudio dos demais. Afinal, que convivência é essa em que não há o presencial de corpo presente, nem sequer a presença da imagem ou do áudio, mas todos sabem que o leitor está conectado, visualizando e ouvindo? É tal estranheza que nos faz refletir o caráter tanto ambíguo e misto que Chartier (1999, p. 143–144) aponta. É mais uma vez os suportes, o contexto, os meios interferindo e determinando especificidades na prática de leitura, assunto que merece ser mais pesquisado.

Penso, também, que as teses elencadas por Paul Zumthor (2018), relativas à voz, na sua obra *Performance, Recepção, Leitura* e suas conclusões constituem instigante material para um estudo aplicado acerca da dinâmica de funcionamento de um grupo de leitura literária como o LCVA. Por exemplo, esse autor assim apresenta a sua quinta conclusão: “a voz é uma forma arquetípica, ligada para nós ao sentimento de sociabilidade. Ouvindo uma voz ou emitindo a

nossa, sentimos, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo.” (ZUMTHOR, 2018, p. 79).

Essa noção explica e clarifica porque na modalidade de leitura literária praticada no grupo a solidão é vencida ou quebrada: é o uso da voz alta que com sua força e com sua dimensão simbólica, produz a ruptura da leitura solitária. Não só rompe a solidão como desperta e induz que outros sentidos sejam percebidos no texto. Até os olhos verdes de Diadorim imaginados no silêncio, na mudez e na solidão de uma leitura individual podem assumir outros verdes na leitura em voz alta pela força da voz, pelo seu calor e pelo vívido da voz do leitor. É outra leitura. Até outros verdes.

No ensaio *A melodia das coisas*, Rilke (2011) nos convida a refletir sobre a importância da voz, que no âmbito do grupo LCVA, no seu protocolo, é de importância indiscutível e crucial. Escreve o poeta:

Se quisermos, portanto, nos iniciar nos segredos da vida, é preciso pensar em dois aspectos: um deles, a grande melodia, da qual participam coisas e aromas, sentimentos e passados, crepúsculos e desejos; e então: as vozes de cada um, que complementam e aperfeiçoam todo esse coro. E para fundar uma obra de arte (ou seja: uma imagem da vida mais profunda da vivência, mais do que de hoje, sempre possível em todos os tempos) será necessário relacionar corretamente e equilibrar as duas vozes: uma, a daquela hora em questão, a a outra, de um grupo de pessoas dentro dela (RILKE, 2011, p. 127, grifo nosso).

É através também do uso da voz que o grupo LCVA realiza uma leitura literária que busca decifrar as tantas vozes que habitam os textos clássicos. E o faz coletivamente, através do exercício reiterado do diálogo compartilhado, tanto que o recurso da leitura literária como modalidade coletiva, penso eu, é a prática mais indicada ou, talvez, a única possível, para fazer frente às perplexidades, aos assombros que o leitor é submetido, às vezes, no ato de ler. Como não se inquietar ou se admirar, por exemplo, na leitura de GS:V, quando ficamos diante de *abandaque, blimbilim, olhalhão, deslúa, estadonho, imaginalmente, brumalva, desexistir, pepego, plequêio, jãdelãfo, supetume, gã, disidéia, murmo, malamal, zumbiz, papocos, fiufiu* [...]?

Recorro ao escritor Lúcio Carvalho (2021), para afirmar que é no mergulho nesse mundo que o LCVA, através da sua leitura literária, sabe que “a recompensa reside não na confirmação do esperado, mas no flagrante do próprio espanto. Certo que isso exige o trabalho da atenção, mas o atordoamento que se segue ao descortinar um mundo desconhecido é o trunfo principal da boa literatura” (CARVALHO, 2021,n.p.).

Um ponto vinculado ao uso das novas tecnologias que registro, mesmo com a disseminação do uso de smartphones e a intuitividade presente nos aplicativos, que julgo importante para o funcionamento de um grupo de leitura estruturado na rede, a exemplo de uma coordenação efetiva, que dentre os leitores tenha pelo menos um que tenha maior familiaridade com o mundo digital e domine mais detalhadamente o funcionamento dos programas de conversação instantânea para, eventualmente, dar suporte ou dar assistência diante de uma dificuldade. Em situações de instabilidade, por exemplo, tal pessoa agiliza alternativas que possam rapidamente repor as melhores condições para o andamento dos encontros virtuais. Isso é muito bem realizado no LCVA.

O papel do coordenador em um grupo de leitura literária se impõe, tanto na coordenação geral como, principalmente, no incentivo aos leitores. Em grupos como o LCVA, em que se identifica uma diversidade de “capitalização cultural”, uma diversidade de trajetórias de vida e de carreiras profissionais, o incentivo à participação ativa, tanto na leitura em voz alta como no compartilhamento de sentidos apropriados, acaba por constituir-se em uma forma de desenvolvimento e formação para os mais iniciantes. O coordenador assegura, de certa maneira, em sua orquestração, que o conselho de Faguet (2021) seja observado: “deve-se tomar certo meio-termo, onde o prazer de compreender não seja perdido pelo prazer de discutir, nem mesmo pelo de conciliar, é preciso colocar-se [...] nos diferentes pontos de vista e nas diferentes atitudes” (FAGUET, 2021, p. 23).

Junto ao importante e decisivo papel de coordenação associa os efeitos disciplinadores de respeito a um cronograma definido e com tempo definido para a duração dos encontros virtuais.

Preciso retomar um ponto que julgo importante. Em minha participação no grupo LCVA e em suas leituras, percebi que, na execução do protocolo de leitura, o meu ato de ler silencioso sempre era praticado no ritmo da leitura em voz alta feita por outro leitor. Consultei os demais integrantes do grupo, que confirmaram que também suas leituras silenciosas são sempre pautadas por aquela que se dá em voz alta. Tal constatação encontra conformidade na afirmação de Vandendorpe (1999) que mencionei no item 3.2. Citei também, no mesmo item, que em condições de laboratório, Porto, Freitag e Tejada (2018) demonstraram experimentalmente que um mesmo leitor desempenha para um mesmo texto atos de ler de tempos de leitura diferentes se ela for silenciosa ou em voz alta. Junto isso tudo (minha constatação e a confirmação dos demais, a posição de Vandendorpe (1999) e os resultados fisiológicos do artigo citado) para dizer que no protocolo de leitura do LCVA, quando de suas inúmeras fases de leitura de um curto trecho em voz alta, realmente se instaura o que chamei

de performance do grupo. A voz, muito mais que as imagens, é o fio que costura tudo, que cadencia o tempo, que ritma o texto, que conecta todos do grupo, que “junta” todos no ato de ler. É a voz do leitor que instancia um tempo de leitura (que fisiologicamente deve ser maior em comparação àquele que o mesmo leitor empregaria se lesse em silêncio o mesmo trecho). E esse tempo interfere nos tempos de leitura dos demais, aproximando todos eles para apenas um: o do leitor em voz alta. Isso significa que os leitores silenciosos ajustam, inconscientemente, sua velocidade de leitura para uma menor do que a que normalmente empregariam em uma situação de silêncio e solidão. Temos aqui, talvez, um instigante ponto a ser pesquisado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme registrei anteriormente, a migração para o ambiente digital das leituras literárias do LCVA propiciou a ampliação no número de leitores, e esse fato permitiu que tanto a fase de leitura em voz alta como a fase imediatamente seguinte de interpretação passassem por uma espécie de *upgrade* marcante. Na fase de expressão oral, o grupo passou a contar com dezenas de performances na elocução do texto com a mescla de sotaques de diferentes regiões do estado e do país, o que representou um enriquecimento do grupo. Uma maior diversidade na vocalidade implicou um leque maior de desempenhos, de performances na leitura em voz alta. E, na reiteração contínua do uso da voz para leitura, o grupo, às vezes, até verbaliza esse fato, reconhece dentre os leitores os que desempenham com mais competência. Mesmo inconscientemente, há um caráter formativo indutor da parte dos mais capacitados no sentido de serem copiados, aperfeiçoando a leitura em voz alta dos menos capacitados. Da mesma forma, o compartilhamento de sentidos e de significações foi positivamente ampliado. As competências e os contextos de vida de mais leitores implicou, igualmente, o enriquecimento das interpretações, dos sentidos apropriados e das experiências de significação concretizadas nos leitores. Registro que a maior diversidade na composição do grupo de leitura (leitores com diferentes experiências de vida profissional ou de formação) impacta de forma positiva nas análises coletivas de leitura literária. A possibilidade de uma maior quantidade de sentidos e significações decorrentes de leituras individuais, com suas singularidades, foi concretizada com a migração para a Internet. É o que observo no LCVA.

Uma maior diversidade na composição do grupo LCVA contribuiu para que as trocas culturais também se intensificassem na nova forma de convívio no mundo digital. Permitiu, também, que a ação do grupo em seu objetivo de estender a prática da leitura literária não ficasse circunscrita ao enclausuramento do mundo universitário apenas.

A utilização do recurso da leitura em voz alta presente no protocolo de leitura do grupo LCVA sempre abre uma porta para fazer aflorar as tapeçarias de sons presentes no texto e que alguns autores trabalham fortemente em suas criações literárias. Especialmente a leitura em andamento no presente semestre de 2021, do romance GS:V o recurso revela-se crucial para uma apropriação mais rica dos sentidos que abundam a partir, por exemplo, das onomatopeias empregadas. Quando se vocaliza o texto roseano o *chirilim*, o *cicirí* e o *crico* dos grilos, ou o *tlique* dos gafanhotos ou o *xaxaxo* e o *plequêio* das alpercatas se materializa, ganha corpo, “fala” para serem percebidos, para serem “meditados” e para serem apropriados. A recepção é de outra

ordem quando cotejada com aquela realizada na solidão e na mudez. O grupo LCVA, no seu protocolo, ao incentivar a leitura em voz alta, coloca em jogo a possibilidade de uma leitura literária mais aberta à percepção de mais sentidos no texto e na intenção do autor, além de incrementar a sociabilidade e o convívio no grupo, em sua luta contra a solidão da leitura, conforme seu objetivo estabelecido na criação em 2017. Em uma pandemia que obriga ao isolamento social, o LCVA, com seu protocolo consolidado, não apenas vence a solidão da leitura, como auxilia a vencer a solidão imposta pelo SARS-CoV-2.

Roger Chartier é, em suas obras, insistente ao afirmar que os meios que suportam o texto determinam as modalidades e os resultados da leitura. No caso do grupo LCVA, com seu protocolo de leitura definido e consolidado antes da pandemia, e cuja migração para o mundo digital durante a pandemia foi realizada incorporando vantagens, também ele não passa de mais uma modalidade que determina sentidos em suas leituras literárias. O Riobaldo imaginado em uma leitura ou em releituras realizadas individualmente é um Riobaldo distinto daquele construído coletivamente sob o protocolo de leitura do grupo. Aqui nasce um Riobaldo cujas falas, em sua totalidade, foram esmiuçadamente lidas, vocalizadas e discutidas. Nas discussões, os diversos pontos de vista dos leitores, com suas singularidades, participaram do jogo dessa construção. Jamais será um Riobaldo completo, mas um Riobaldo menos incompleto, talvez, que o construído em qualquer leitura solitária.

Tzvetan Todorov (2009, p. 23), em sua defesa da literatura, nos ensina que ela “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. Concluo que o grupo LCVA faz isso de forma muito produtiva.

Num mundo em que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017, p. 33) nos mostra que o “instante cede o lugar ao clique”, e que as pessoas são empurradas para o “desempenho do mero viver”, somado ao dantesco de uma pandemia que submete tudo e todos ao medo, é por demais um refrigério que grupos de leitura literária como o LCVA tenham se constituído sob as bases de um protocolo que permitiu a sua continuidade, contribuindo na defesa da Literatura como forma de vida, no estímulo ao convívio social (mesmo a distância), na construção de sentidos e no compartilhamento de significados.

REFERÊNCIAS

- ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3. p 41–51, nov. 2019. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242019000300041&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2021.
- ANSA, **Agência Italiana de Notícias**, 2015 Disponível em: https://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/brasil/cultura/2015/06/11/Redes-sociais-deram-voz-legiao-imbecis-diz-Eco_8559017.html. Acesso em: 10.mai.2021.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 (2ª reimpressão 1994).
- CARRETO, Carlos F. Clamote. A voz ou a plenitude do texto. Performance oral, práticas de leitura e identidade literária no Ocidente medieval. **Medievalista**, Lisboa, n. 19, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.958>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/medievalista/958>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- CARVALHO, Lúcio. Instinto e estigma no regionalismo. **Caderno de Sábado**, Correio do Povo, Porto Alegre, 20 mar. 2021. Disponível em: <https://emmeiapalavra.com/2021/03/26/instinto-e-estigma-no-regionalismo/>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo: Liberdade, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução: Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2.ed., 1998
- CHARTIER, Roger. **Revolução da Leitura?** [entrevista concedida à] Fronteiras do Pensamento. Fronteiras do Pensamento, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/videos/revolucao-da-leitura>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- CHARTIER, Roger. Roger Chartier entrevistado por Roberto Darnton [entrevista concedida a] Robert Darnton. Transcrição do original e tradução: Dorothée Bruchard. **MATRIZES**, São Paulo, n. 2, p. 159–177, jan./jun. 2012.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Tradução: Paulo Bezerra. 8. ed. São Paulo: 34, 2019.

- ENDRUWEIT, Magali Lopes. É preciso aprender a aprender com o Paulo ou ninguém deve nada pra ninguém. *In*: SIMÕES, L.J.; FISCHER, L.A.; ENDRUWEIT, M.L. **O que eu quero dizer é o seguinte**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes; NUNES, Paula Ávila. O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência? **Calidoscópio**, Unisinos, v. 11, n. 2, maio/ago. 2013. DOI: 10.4013/cld.2013.112.09.
- FAGUET, Émile. **A arte de ler**. Tradução: Roseli Almeida Barbosa. São Paulo: Kírion, 2021.
- FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: UNESP, 2009.
- GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução: Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.
- HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução: Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? *In*: **Práticas da leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Tradução: Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- LEBOWITZ, Fran (Temporada 1, ep. 4). **Faz de conta que NY é uma cidade** [Seriado]. Direção: Martin Scorsese. Criação: Martin Scorsese. New York: Netflix, 2021.
- LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média**. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LINHART, Danièle. Modernisation et précarisation de la vie au travail. **Papeles del CEIC**, Lejona, v. 43, 2009. Disponível em: <https://ojs.ehu.eus/index.php/papelesCEIC/article/view/12241/11163>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (reimpressão de 2001).
- MEYER-CLASON, Curt. João Guimarães Rosa e a língua alemã. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, 1998, v. 2, n. 3, p. 59–70. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10219>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- MILTON, John. **Paraíso perdido**. Tradução: Daniel Jonas. São Paulo: 34, 2015.

NETTO, Daniela Favero; ENDRUWEIT, Magali Lopes. A voz que aproxima: o leitor em tempos de reclusão. **FRAGMENTUM**, Santa Maria, n. 57, 2021. No prelo.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Tradução: Luiz Carlos Bombassaro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução: Celina Olga de Souza. 1. ed. São Paulo: 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução: Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução: Julia Vidile. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PORTO, Maria Augusta; FREITAG, Raquel Meister; TEJADA, Julian. Tempo de leitura silenciosa e em voz alta com jovens, envelhescentes e pessoas da terceira idade. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 100–108, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/28670>. Acesso em: 10 abr. 2021.

RILKE, Rainer Maria. **A melodia das coisas**. Tradução: Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

STEINER, George. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Tradução: Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TODOVOV, Tzetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TOLSTÓI, Liev. Guerra e paz. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VANDENDORPE, Christian. *Du papyrus à l'hypertexte. Essai sur les mutations du texte et de la lecture*. Versão online, set. 2009. Disponível em: https://issuu.com/yannleroux/docs/du_papyrus_a_l_hypertexte. Acesso em: 29 mar. 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Falando de Idade Média**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.